



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

ESCOLA DE LETRAS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - BACHARELADO

**LITERATURA JOVEM ADULTO: UMA ALIADA PARA A FORMAÇÃO DE
JOVENS LEITORES**

BRUNA PAIVA DA COSTA

RIO DE JANEIRO

DEZEMBRO DE 2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

ESCOLA DE LETRAS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - BACHARELADO

**LITERATURA JOVEM ADULTO: UMA ALIADA PARA A FORMAÇÃO DE
JOVENS LEITORES**

BRUNA PAIVA DA COSTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à banca examinadora como um dos requisitos
para obtenção do Grau de Bacharelado em
Letras, realizado sob orientação da Professora
Doutora Ana Carolina Coelho

RIO DE JANEIRO

DEZEMBRO DE 2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

ESCOLA DE LETRAS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - BACHARELADO

Literatura Jovem Adulto: uma aliada para a formação de jovens leitores

Por

Bruna Paiva da Costa

Trabalho de Conclusão de Curso

BANCA EXAMINADORA

(Ana Carolina Coelho)

(Marcelo dos Santos)

RIO DE JANEIRO

DEZEMBRO DE 2019

Agradecimentos

Já no início da faculdade eu tinha uma ideia fixa sobre o TCC. Queria falar sobre o que me levou até ali. E eu não teria escolhido a Literatura como profissão se não tivesse sido tocada pelos livros durante a adolescência.

Ao longo do curso, cheguei a repensar o tema e tentar seguir para assuntos mais bem vistos na academia. Mas, no fundo, eu sabia que era sobre a Literatura Jovem que eu queria e devia falar; e que havia muito a ser dito. Foi quando eu conheci a Carol e ela abraçou a minha ideia.

À minha querida professora e orientadora Ana Carolina Coelho toda a minha gratidão por ter me guiado ao longo de todo o tempo que passamos juntas debruçadas nesse trabalho. Essa pesquisa não teria sido possível sem ela e todas as suas intervenções e conselhos.

E, se hoje estou concluindo o curso que tanto me acolheu ao longo dos últimos quatro anos, é muito por conta de tudo que me foi proporcionado dentro da Universidade. E por isso é preciso agradecer também a todos que fizeram parte dessa formação.

À Direção e Coordenação da Escola de Letras, que sempre se prontificaram a prestar qualquer auxílio que me fosse necessário. Ao William e ao Bruno, da secretaria, que estiveram sempre presentes, fosse para resolver meus problemas, fosse para dividir um café, uma boa conversa e deixar a rotina mais leve. A cada um dos professores que passaram pela minha vida nos últimos quatro anos, pelo conhecimento compartilhado e por todo o aprendizado extracurricular também.

Um agradecimento especial à professora Masé Lemos, que proporcionou minha primeira experiência de pesquisa na Iniciação Científica. E aos professores Marcelo Santos, Luciana Vilhena e Elizabeth Lewis que me levaram para uma das experiências mais intensas da minha vida, no projeto de Remição de Pena pela Leitura, nos presídios do Rio de Janeiro. A contribuição desse projeto para a minha formação humana é imensurável.

Aos colegas da minha turma 2016.1, que me acompanharam ao longo dessa jornada, dividindo as dores e as alegrias das disciplinas. Aos colegas da 2017.1, que me acolheram tanto desde o início que até eu me sinto parte da turma. E a todos os outros colegas, de outras turmas, que cruzaram meu caminho e estiveram presentes de algum modo ao longo do curso. Muito obrigada. Foi mais leve com vocês por perto.

E, por último, o agradecimento essencial a quem me apoiou em cada sonho e me ajudou sempre ao longo da faculdade, auxiliando nas compras de material, dando carona, incentivando cada projeto... O meu muito obrigada a toda a minha família que sempre esteve ao meu lado para que eu cursasse a faculdade de forma tranquila.

Aos meus pais, meu irmão e meu namorado ainda um obrigado especial por, além do apoio ao longo do curso, terem respeitado todo o tempo que precisei dedicar a esse trabalho, com o maior orgulho do mundo.

Obrigada, obrigada e obrigada.

Resumo:

O presente trabalho investiga a Literatura Jovem Adulto, um termo importado pelo mercado editorial brasileiro para se referir à literatura escrita para jovens no fim da adolescência. O trabalho procura entender de que maneira esse gênero literário pode influenciar na formação de jovens leitores, tocando em questões como a o mercado literário e sua relação com as práticas digitais. O referencial teórico do trabalho é composto por autores como Roger Chartier, Michèle Petit, entre outros. A investigação foi desenvolvida a partir de uma pesquisa bibliográfica e aplicação de questionário online, no período de 15 de setembro a 16 de outubro de 2019.

Palavras-chaves: Literatura Jovem Adulto. Formação do Leitor. Mercado Literário. Literatura na internet.

Abstract:

This work brings the Young Adult Literature, a label that was imported by Brazilian publishing Market, as its object. The term tries to understand in which ways this literary genre can influence in the development of young readers, reaching points as the publishing market and its relation with digital practices. The theoretical background brings authors as Roger Chartier, Michèle Petit, and others. The work was developed by a bibliographical research and the application of an online questionnaire, from September 15 to October 16, in 2019.

Keywords: *Young Adult Literature. Readers development. Publishing Market. Internet Literature.*

SUMÁRIO

Introdução	8
Capítulo 1: O que é Literatura <i>Young Adult</i> ?	10
1.1 Como Nasceu a Literatura <i>Young Adult</i> ?	12
1.2 As Eras de Ouro do <i>Young Adult</i>	13
1.3 “YA” no Brasil	15
1.4 O Mercado Literário	17
Capítulo 2: A Formação do Leitor	20
2.1A Literatura Jovem Adulto e a Internet	24
Capítulo 3: Quem são os leitores da Literatura Jovem Adulto?	31
3.1 Como o leitor vê a Literatura Jovem?	34
Considerações Finais	58
Referências Bibliográficas	61
Anexo I	65
Anexo II	68

Introdução

A Literatura Jovem Adulto, uma terminologia importada pelo mercado editorial, se refere aos textos literários que buscam atingir um público jovem, do meio da adolescência até o início da vida adulta. E por que não chamar de Literatura Juvenil? Ou mesmo o mais popular infanto-juvenil? É esse o tema do presente trabalho. Ao longo dos três capítulos que a compõem, a investigação a seguir busca compreender o que seria a chamada Literatura Jovem Adulto. Além de procurar entender se e de que forma esse gênero literário poderia influenciar na formação de um leitor.

O trabalho visa investigar a literatura conhecida como Jovem Adulto, tradução do termo *Young Adult*, como possibilidade de porta de entrada à literatura na formação de jovens leitores. Tem ainda a intenção de abordar o crescimento do número de autores que escrevem para esse público no Brasil, principalmente surgidos em plataformas digitais de escrita *online* como o *Wattpad*¹ e o *Sweek*². Também procura abordar as questões do mercado editorial que influenciam a busca de editoras por esses autores que já trazem consigo um público cativado na internet. E ainda intenciona ouvir dos leitores e autores qual a importância desse gênero em sua experiência pessoal com a literatura.

A escolha do tema se deu primeiro de maneira muito pessoal, pelo fato de que esse gênero literário sempre esteve muito presente em minha vida. A Literatura pensada para jovens teve tamanha importância para a minha formação como leitora que, hoje, iniciando uma carreira literária, tenho esse público como foco de minha própria produção.

Além disso, não há, vindas do curso de Letras da Unirio, pesquisas que estudem a literatura Jovem Adulto ou seus possíveis impactos na vida de um leitor. E há muito poucas pesquisas brasileiras que tocam no tema. Por se tratar de um tipo de literatura muitas vezes visto como menor, ou mesmo anulado pela crítica, acredito que se façam necessários estudos para legitimar esse gênero literário.

O trabalho foi realizado a partir de leitura bibliográfica e reflexão crítica sobre o pensamento dos autores trabalhados, além de uma pesquisa sobre o mercado

¹ wattpad.com

² <https://sweek.com/pt/>

editorial e as alternativas digitais de autopublicação. Foi realizado ainda um questionário divulgado na internet que visava principalmente saber de leitores de qualquer gênero quais eram as diferenças percebidas por eles entre as chamadas Literatura Juvenil e Literatura Jovem Adulto; e, também, a opinião desses leitores sobre a possível influência desses gêneros literários para a formação de jovens leitores.

O trabalho foi dividido em três capítulos, sendo o primeiro um panorama histórico sobre o termo Jovem Adulto, suas origens e a trajetória de seu desenvolvimento em terras norte-americanas. O primeiro capítulo se compromete ainda a entender a evolução da literatura escrita para jovens no Brasil; e de que maneira a nomenclatura norte-americana é importada para o mercado editorial brasileiro e como o novo gênero Jovem Adulto se comporta no país.

O segundo capítulo busca compreender as questões sobre a formação de leitores e de que maneira a Literatura Jovem Adulto poderia atuar nesse ponto com um papel edificante. Esse capítulo também busca expor a relação da Literatura Jovem Adulto com as práticas digitais e entender qual o papel da *internet* na formação de jovens leitores atualmente e como o mercado literário lida com essa questão.

O terceiro capítulo traz a exposição e análise dos dados obtidos a partir da pesquisa qualitativa realizada na internet com leitores, confrontados com as investigações apresentadas nos capítulos anteriores. A partir dos resultados, é possível ter uma amostra de como o leitor realmente enxerga o gênero Jovem Adulto e de que tipo de impacto ele acredita que a literatura escrita para jovens pode ter na formação de um leitor.

Os anexos do trabalho trazem o modelo do questionário *online* aplicado aos leitores, que foi usado para coletar as impressões e depoimentos dos leitores, utilizados para a análise. E ainda algumas das respostas que não entraram na análise, mas foram consideradas relevantes para a construção do trabalho como um todo.

Capítulo 1: O que é Literatura *Young Adult* (YA)?

A literatura “Jovem Adulto” (*Young Adult*) é a nomenclatura utilizada para denominar livros que têm como público-alvo os adolescentes entre 13 e 18 anos. E por que não chamar esse gênero de literatura infanto-juvenil, termo já tão difundido no mercado e no imaginário das pessoas? A grande questão está em: é possível acomodar em uma mesma classificação toda a literatura feita para crianças, além de toda a literatura escrita para adolescentes? Seria pertinente encaixar esses públicos tão distantes (dos 6 aos 18 anos) em um mesmo universo?

No Brasil, muito se utiliza a diferenciação dessa literatura em dois grupos, infantil e juvenil. Porém, importando nomenclaturas americanas, o mercado editorial brasileiro subdividiu ainda mais essa última categoria, criando nichos mercadológicos específicos para cada tipo de público. Um dos mais relevantes rótulos é o de Literatura *Young Adult*, ou Jovem Adulto.

A diferença entre a literatura Jovem Adulto e a que se classificaria como juvenil (que teria como público alvo pessoas entre 8 e 12 anos) é justamente a maturidade das questões e comportamento de suas personagens.

De acordo com a *Young Adult Library Service Association*³ (YALSA), as personagens dos livros de YA, geralmente, fazem parte da faixa etária de seu público alvo e é a partir do ponto de vista desse adolescente que a história se desenvolve. Dessa forma, os livros Jovem Adulto podem englobar diversos gêneros; seja fantasia, romance histórico, terror, distopia ou romances contemporâneos, o que faz com que um livro seja categorizado como Jovem Adulto é a temática da trama vivida pelo personagem. Livros Jovem Adulto abordam desde divórcio dos pais e bullying até questões de gênero, sexualidade, drogas e preconceitos. O ponto comum entre todos os livros Jovem Adulto são os tópicos relevantes para o universo adolescente.

³<http://www.ala.org/yalsa/>

Em um artigo⁴ para o *The Balance Careers*, a especialista em mercado editorial norte-americana, Valerie Peterson afirma que o que se faz presente na maioria dos livros de YA bem-sucedidos é a grande carga emocional. “A grande carga e intensidade emocional [presente nos livros] é proporcional ao nível de intensidade hormonal do público-alvo do gênero”. Ou seja, os livros Jovem Adulto de fato conversam com seu público. Em entrevista à CNN, o autor David Levithan, que escreveu livros como “Todo Dia” (2012) e “Dois Garotos se Beijando” (2013), diz que “adolescentes queriam coisas que fossem reais e com que eles pudessem se conectar”.

Além disso, estatísticas do mercado americano, levantadas pela CNN⁵, apontam que 55% dos livros desse gênero comprados em 2012, no país, foram por pessoas entre 18 e 44 anos, o que é um grande indicador da razão por que os livros YA vivem na lista de mais vendidos. Não apenas seu público-alvo mostra interesse pelo gênero, mas pessoas de todas as idades. Para a CNN, essa popularidade do gênero acaba tornando possível até mesmo que os pais se aproximem mais da realidade do que os filhos gostam de ler. A YALSA, instituição criada com o intuito de incentivar a leitura entre adolescentes, já classifica como jovem adulto pessoas entre 15 e 29 anos. Para a instituição, seriam adultos que ainda conservam hábitos adolescentes.

A Literatura Jovem Adulto, por lidar com um público em uma fase de transformação, acaba também estando em constante estado de mudança. A internet e as redes sociais *online* são expansores desse gênero. Isso porque as redes sociais como *Twitter* e *Youtube* permitiram aos leitores que tivessem um contato mais direto com os autores de seus livros preferidos. Hoje existem até redes sociais para leitores, como o *Skoob*⁶ e o *Good Reads*⁷; ou plataformas para a publicação e leitura online e gratuitas de livros, como o *Wattpad* e o *Sweek*.

⁴ PETERSON, Valerie. *Young Adult and New Adult Book Markets*. In: Book Publishing Info. The Balance Careers. Publicado em: 16/12/2018. Disponível em:

<<https://www.thebalancecareers.com/the-young-adult-book-market-2799954>> Acesso em: 1/06/2019

⁵ STRICKLAND, Ashley. *A brief history of Young Adult literature*. CNN, 15/04/2015. Disponível em:

<<https://edition.cnn.com/2013/10/15/living/young-adult-fiction-evolution/index.htm>> Acesso em 1/06/2019

⁶ <https://www.skoob.com.br/>

⁷ <https://www.goodreads.com/>

Essa expansão de contato com os autores produziu fenômenos como John Green, autor de “A Culpa é das Estrelas” (2012), que mantém um canal no *YouTube* para conversar com os leitores. Caso parecido acontece no Brasil com autores de YA que, antes de se tornarem escritores, eram *booktubers* (*YouTubers* que falam de livros, e a mais relevante crítica de gêneros como o Jovem Adulto, atualmente). É o caso de autoras como Pam Gonçalves e Bel Rodrigues.

1.1. Como nasceu a Literatura *Young Adult*?

A literatura com escrita direcionada para os jovens nem sempre foi dominada pelos mais diversos gêneros ou trouxe vampiros, mundos alternativos ou meninas com câncer terminal. Na verdade, a literatura voltada para os adolescentes, essas pessoas em uma faixa de transição, que se encontram em constante transformação, por muito tempo não era algo que realmente pudesse ser considerado um nicho da literatura.

Para Michael Cart, especialista em Literaturas Infantil e Jovem Adulto, assim como os musicais da *Broadway* e os cachorros-quentes gigantes, a Literatura *Young Adult* é um “presente americano para o mundo”. Esse gênero que, de fato, deve aos Estados Unidos sua difusão pelo mundo, tem um berço ligeiramente controverso. Apesar de esse trabalho abordar mais profundamente a origem estadunidense da Literatura *Young Adult*, há correntes que defendem que esse gênero literário surge na Europa. Entretanto, um ponto é inegável: a existência de uma literatura voltada para adolescentes e jovens adultos está intimamente ligada à maneira como a adolescência era encarada socialmente ao longo da História.

Até os anos 1940, a população dos Estados Unidos (assim como em outras sociedades pelo mundo) era dividida apenas em duas fases: adultos e crianças. Estas, por volta dos 10 anos de idade, eram iniciadas em trabalhos e passavam rapidamente ao patamar dos adultos. Portanto, não se pensava uma literatura para adolescentes, pois a população não tinha espaço para viver uma adolescência.

É a partir de 1944 que um movimento iniciado pelos bibliotecários estadunidenses passa a denominar os adolescentes como Jovens Adultos (*Young Adults*), e assim, conseqüentemente, pensar um espaço para eles na literatura e nas bibliotecas. Entre os anos de 1933 e 1946, a bibliotecária Margaret Scoggin, que já

tinha um trabalho de buscar livros para o público adolescente, escreveu uma coluna para o *Library Journal* que se chamava “*Books for Older Boys and Girls*” (Livros para meninos e meninas mais velhos). Foi em 1944 que ela mudou o nome da coluna para “*Books for Young Adults*” (Livros para jovens adultos), cunhando então o termo que denominaria aquele gênero de literatura. Entretanto, o termo só foi formalizado 13 anos mais tarde quando, em 1957, a *American Library Association* criou sua divisão de serviços para Jovens Adultos, a YALSA.

O movimento de busca por uma literatura que atingisse de verdade o público adolescente foi iniciado pelos bibliotecários. São eles os grandes responsáveis por, desde meados dos anos de 1940, a literatura para Jovens Adultos ter pouco a pouco ganhado mais espaço. Não fosse por essa movimentação, e esse esforço de trazer jovens para a literatura e destacar os livros voltados para esse público, talvez, na década de 1970, não teria acontecido a Primeira Era de Ouro da Literatura Jovem Adulto.

1.2. As Eras de Ouro do *Young Adult*

Como explicitado anteriormente, o conceito de Literatura Jovem Adulto evoluiu juntamente à maneira como os adolescentes eram vistos perante a sociedade. E isso não aconteceu apenas com a literatura. Diversos ramos da cultura popular, a partir de meados da década de 1940, passaram a perceber que os adolescentes não só se interessavam por produtos culturais, como também tinham certo poder de compra. Dessa forma, editores de revistas, diretores de cinema e a indústria cultural como um todo passaram a se preocupar em atingir esse público com seus produtos. E então passaram a aparecer filmes e seriados de TV como “*A Date With Judy*” (1948), “*Meet Corliss Archer*” (1954) ou “*Hopalong Cassidy*” (1952-1954).

“*Seventeenth Summer*”, de Maureen Daly, publicado em 1942 é considerado o primeiro livro realmente pensado e escrito para o público jovem adulto. Junto a ele, apareceram alguns romances que tinham como objetivo atingir o mesmo público. Ainda assim, apesar do grande movimento de associações de bibliotecários para envolver o público adolescente leitor, entre as das de 1940 e 1970, grande parte da literatura indicada para adolescentes pertenciam à parcela de ficção geral que os bibliotecários e especialistas acreditavam ser interessante para aquela faixa etária.

Foi no fim da década de 1960 que alguns títulos começaram a aparecer e marcar a época. Livros como *“The outsiders”*, de S. E. Hinton, publicado em 1967, traziam a narrativa voltada para os jovens, apresentando os dramas reais dessa fase e realmente se comunicando com os adolescentes. A década de 1970 é conhecida como a primeira Era de Ouro do *Young Adult*. Isso porque foi nessa época que surgiram nomes como Judy Blume, autora de *“Forever”*, publicado em 1975, e um dos maiores marcos da literatura *Young Adult* nos Estados Unidos; Lois Duncan, que escreveu *“Eu Sei o que vocês fizeram no verão passado”*, livro publicado em 1973 e que, além de um potente sucesso literário, foi ainda adaptado para o cinema virando um grande marco da época; Robert Cormier, autor de *“The Chocolate War”*, livro que após sua publicação em 1974 fez muito sucesso entre os jovens da época e na década seguinte também foi adaptado para o cinema.

Segundo o artigo da CNN, após uma época em que a literatura *Young Adult* se voltou muito para a vida adolescente dentro das escolas de Ensino Médio e os dramas dos jovens nessa faixa etária, a partir da década de 80, o cenário se modificou um pouco. Nos anos 80, a literatura *Young Adult* começou a ser subdividida em gêneros, trazendo histórias como *“A Rua do Medo”*, série de terror com vários livros escritos pelo autor R.L. Stine; ou os romances de *“Sweet Valley High”* escritos por Francine Pascal, que posteriormente foram adaptados para a TV.

Já na década de 1990, os números de jovens adultos eram bem menores do que nas décadas anteriores, por isso, houve um aumento na literatura voltada para pré-adolescentes e jovens com idade escolar para o que, no Brasil, chamamos de Ensino Fundamental II. Foi apenas a partir da virada do milênio que se consolidou a segunda Era de Ouro da Literatura *Young Adult*. E, dessa vez, foi uma febre muito mais globalizada. Os livros desse gênero passaram a ser muito mais bem divulgados e, conseqüentemente, mais lidos em todo o mundo. Além disso, com o sucesso estrondoso, muitos dos livros que viraram *best-sellers* acabaram ganhando também adaptações cinematográficas, como *“O Diário da Princesa”* (2001) e *“Harry Potter e a Pedra Filosofal”* (2001), ou adaptações para a TV, como a série *“Gossip Girl”* (2007).

Foi a partir dos anos 2000 que o marketing literário começou a se voltar mais agressivamente para o público mais jovem. O que antes ocupava cerca de três a quatro estantes nas livrarias pelo mundo, passou a ganhar mais corpo e espaço. A

literatura *Young Adult* foi se espalhando e conquistando leitores fora da faixa etária a que teoricamente ela se destinaria.

1.3. YA no Brasil

No Brasil, é a partir dos anos 1970 que se começa a ter uma produção voltada para os jovens. Antes disso, passamos por uma extensa época de produção de uma literatura infantil, que visava um papel educativo e moralista. A partir dessa época, segundo a pesquisadora Gabriela Luft, em seu artigo “A Literatura Juvenil brasileira no início do século XXI” (2010), houve uma transferência de um ambiente rural para o cenário urbano e os títulos passaram a abordar questões sociais inerentes ao amadurecimento dos jovens nas cidades, como pobreza, preconceitos, marginalidade, injustiças e autoritarismo. Cresceu também a variedade de gêneros, surgindo livros de fantasia, ficção científica e com ares detetivescos.

Os livros juvenis não buscavam mais ter somente um papel educativo, mas também uma aproximação com seus leitores ao entrar mais no universo deles. Traziam temas muito mais pertinentes à sociedade moderna, que fariam com que o jovem se aproximasse mais do que estava lendo. Citando Colomer, Gabriela Luft faz um paralelo ao dizer que: “O desenvolvimento recente da literatura juvenil, assim como seu propósito de atrair a atenção de um público adolescente, conduziu, sem dúvida, à introdução de temas com pouca ou nenhuma tradição na ficção infantil e juvenil.” (COLOMER, *apud.* LUFT, 2010, p. 117).

Para Gabriela Luft, a literatura juvenil brasileira entre 2001 e 2009 passou a ter uma grande variedade de gêneros secundários, trazendo enredos diversificados com enfoques distintos, como introspecção psicológica, abordando questões comportamentais e o amadurecimento no espaço interno das personagens, além de denúncias sociais, investigações policiais, ou mesmo explorando o fantástico e o surrealismo.

Nesse último aspecto, Luft fala em uma “fantasia em sintonia com a realidade” e podemos citar o excelente trabalho feito pela autora carioca Renata Ventura, que, em sua série de livros iniciada pela obra “A Arma Escarlata”, recria o universo bruxo inventado por J.K. Rowling numa realidade brasileira, levando em consideração diversos aspectos culturais do Brasil. Ventura justifica a chegada bruxa ao Brasil a

partir de fatos históricos do país, os feitiços são tirados do Tupi e o universo mágico se mistura ao realismo carioca, já que seu protagonista é um menino pobre, de 13 anos, morador de uma favela do Rio e que, ao descobrir que é bruxo, acaba envolvido com o tráfico de drogas. A série criada pela autora faz com que fantasia e realidade, questões adolescentes e questões sociais, tudo entre em perfeita sintonia.

Gabriela Luft traz um panorama sobre a categoria juvenil em duas das maiores premiações do país, a da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FLNIJ)⁸ e o consagrado Prêmio Jabuti⁹. O prêmio da FLNIJ, criado em 1974, passou quatro anos premiando apenas a categoria “criança”. Foi só a partir de 1978 que foi criada a categoria “jovem” na premiação. Já no prêmio Jabuti, a categoria é ainda mais polêmica. Quando lançado, em 1959, o Prêmio Jabuti trazia a categoria “Novela Juvenil”. Segundo Luft, de 1993 a 2004, a premiação fundiu as categorias infantil e juvenil numa só, voltando àquele paradigma do infanto-juvenil e considerando como iguais obras que foram escritas para crianças e obras escritas para adolescentes. A separação entre Literatura Infantil e Literatura Juvenil voltou a ser feita, a partir de 2005. Entretanto, no ano de 2018, após sofrer uma grande alteração em que suas 29 categorias foram reduzidas a 18, a premiação novamente suprimiu a categoria juvenil, unindo-a à infantil. O vencedor foi o livro “O Brasil dos Dinossauros”, de Luiz Eduardo Anelli e Rodolfo Nogueira.

Depois de ser alvo de várias críticas por conta da junção das duas categorias, em 2019, o Jabuti voltou a separar as categorias infantil e juvenil. O impacto mercadológico já fala tão alto que interfere decisões de uma das maiores premiações do país. A autonomia da premiação sofre um certo baque, quando se pensa que, hoje, quem de fato decide o que vai ser lido é o mercado, e não a academia.

Falando ainda em premiações, pode-se citar o prêmio da Biblioteca Nacional¹⁰ que, desde sua fundação em 2005 até 2011 tinha apenas uma categoria para literaturas infantil e juvenil e só a partir de 2012 é que as categorias são separadas.

⁸<https://www.fnlij.org.br/>

⁹<https://www.premiojabuti.com.br/>

¹⁰<https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2019/05/inscricoes-premio-literario-biblioteca-nacional-2019>

Também em 2005, chega ao Brasil o prêmio Barco A Vapor de literatura Infantil e Juvenil, uma iniciativa da Fundação SM existente em diversos países. Entretanto, essa renomada premiação, até hoje, só premia um livro por ano dentro de uma categoria única infantil e juvenil.

A questão de unir as literaturas destinadas aos dois públicos, infantil e juvenil, tratando-as como uma única coisa é complicada no sentido de que acaba pasteurizando dois gêneros literários que muito diferem entre si. É no mínimo questionável e antipedagógico considerar que a literatura que tem como público crianças de 5 a 11 anos possa ser comparada à que é pensada para jovens de 12 a 18. Isso se não colocarmos em questão o fato de que, dentro desses dois grupos também existem subdivisões. Daí vem a problemática do termo “infanto-juvenil”. Por isso, prefiro tratar aqui esses dois gêneros como coisas distintas.

Meu enfoque é a literatura juvenil, mais especificamente, a subdivisão, o recorte chamado de Jovem Adulto ou *Young Adult*. Mas de onde vêm essas subdivisões? Quem decide como classificar cada livro dentro da esfera do juvenil, ou de qualquer outro gênero? Por que muitas dessas classificações são, de uma forma ou de outra, importadas? Essas questões ficam mais claras quando começamos a estudar como funciona o mercado de livros no Brasil e no mundo.

1.4. O Mercado Literário

Diferentemente dos Estados Unidos, aqui no Brasil, a nomenclatura *Young Adult Literature*, ou Literatura Jovem Adulto, surge a partir do mercado literário. Na realidade, surge como uma importação da nomenclatura estrangeira para um determinado recorte de público. Apesar de não chegar às livrarias carregando essa nomenclatura em específico, é inegável que a série “Harry Potter” teve um papel fundamental de abertura de mercado para uma literatura juvenil. Foi a partir daquele sucesso, seguido por outros como a série de livros “Gossip Girl”, de Cecily Von Ziegesar, os livros da autora Meg Cabot, a saga “Crepúsculo” de Stephanie Mayer e a distopia “Jogos Vorazes”, de Suzanne Collins, que o mercado literário passou a dar uma atenção maior (e, conseqüentemente, investir mais dinheiro), a esse recorte de público.

Em entrevista para a *Veja*¹¹, o presidente da Câmara Brasileira do Livro, Luís Antonio Torelli confirma esse papel de abertura de portas que a obra de J.K. Rowling teve para o mercado:

“Harry Potter foi um dos grandes responsáveis por expandir o mercado editorial. Seu enredo e linguagem conquistaram leitores em todo o mundo, mas, mais importante que isso, Harry Potter foi a porta de iniciação para muitos não-leitores. Muitos jovens começaram e ainda começam a ler a partir dessa saga. A obra de J.K. Rowling impactou toda a cadeia.”

Com o crescimento do interesse do público por obras com as características do *Young Adult*, as editoras passaram a buscar mais títulos do gênero para atender a essa demanda, chegando, inclusive, em autores nacionais.

Entretanto, aqui podemos pensar em como é esse mercado que determina quem e o que vai ser lido. A crise do mercado editorial, provocada pela falência das grandes redes de livrarias, é a maior das culpadas. Ainda que, quando se pense em Literatura, pense-se também em manifestação artística, é inegável que, para quem produz ou vende o livro, ele não passa de uma mercadoria. Dessa forma, publica-se e investe-se dinheiro naquilo que se tem a garantia de que renderá lucro, ou seja, no que é mais comercial para aquela empresa (editora).

A Literatura Jovem Adulto é de fato um gênero que se aproxima dos jovens e que a cada ano produz mais conteúdo, entretanto, o mercado não deixa de se aproveitar do sucesso que o gênero faz entre esse público. O mais seguro é publicar aquilo que segue a linha do que já fez sucesso e isso fica nítido quando se entra em uma livraria. Quando a “Saga Crepúsculo” foi adaptada para o cinema e explodiu no mundo inteiro como um grande sucesso, incontáveis livros com a temática de vampiros foram lançados logo depois. É aí que a lógica de mercado se insere no âmbito da Literatura.

¹¹ NORONHA, Heloísa. *Fenômeno impulsionou o gênero ‘jovem adulto’ nas livrarias*. In: *Veja*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/especiais/fenomeno-impulsionou-o-genero-jovem-adulto-nas-livrarias/> Acesso em: 5 jun. 2019.

A indústria cultural e o processo de cultura de massa se aplicam na literatura como em qualquer outro nicho cultural atual. E esse fenômeno não é necessariamente prejudicial à literatura. É claro que ele pode ser encarado como um processo de massificação de conteúdo que acaba por induzir certos leitores a consumir apenas aquilo que a indústria dita ser bom, sem que este leitor consiga formular um senso crítico e julgar ele mesmo o que acha bom ou não, literário ou não.

Em um artigo para a Revista Emília¹², publicado em agosto de 2018, a espanhola e especialista em promoção de leitura Silvia García Esteban, ao condenar a produção em massa de uma “Literatura Juvenil” que perderia o sentido do literário, com formatos quase televisivos e que não diriam nada à juventude atual, afirma que: “a literatura juvenil não é uma etiqueta adequada, por mais que as livrarias estejam repletas de coleções e livros chamados juvenis. Creio, então que a questão, neste ponto, será diferenciar o que é Literatura do que não é”. E então voltamos para a questão sobre o que, então, seria literatura.

Esteban diz que a literatura deve partir “do particular para o universal” e que a “boa literatura” seria aquela que “pode ser lida por crianças, jovens e adultos, e cada um, em seu nível, pode extrair de sua leitura algo que conquistou”. De certa forma, talvez possa-se dizer, sim, que essa é uma das características de uma boa literatura. Mas, é adequado limitar a boa literatura a isso? Certamente não. Por que uma obra voltada para atingir um leitor adolescente perde seu valor caso um adulto leia e não goste, ou uma criança não a compreenda? O literário não está presente naquilo que conquista o leitor?

Talvez a melhor pergunta seja: quem define o que é boa literatura? A academia? O mercado? E por que não o próprio leitor? Entretanto, como o leitor que tem contato apenas com uma dessas literaturas, seja a canônica, seja a de massa, pode definir que uma delas é melhor que a outra sem ser incoerente?

¹² ESTEBAN, Silvia García. *A literatura juvenil: uma etiqueta forçada*. In: Revista Emília. Disponível em: <https://revistaemilia.com.br/a-literatura-juvenil-uma-etiqueta-forcada/> Acesso em: 1 dez. 2019.

Capítulo 2: A Formação do Leitor

Alguns teóricos defendem que a leitura é um gesto universal. Isso talvez possa ser refutado por conta das diversas culturas ágrafas encontradas ao redor do mundo antes das colonizações. Entretanto, se levarmos em consideração que a maioria desses povos foi colonizada e obrigada a reproduzir a cultura do colonizador, a leitura passou, de fato, a ser, como levantado tanto por Antonio Candido em “O direito à literatura” (2004), quanto por Roger Chartier em “A aventura do livro” (1998), uma ação indispensável à formação de um ser humano.

Pensar a literatura como um elemento dos direitos humanos, como proposto por Antonio Candido, é um primeiro passo importante para que se encare a literatura como algo de fato fundamental para a formação de uma cultura e dos seres humanos inseridos nela. Quando o autor diz que:

[...] [as pessoas] afirmam que o próximo tem direito, sem dúvida, a certos bens fundamentais, como casa, comida, instrução, saúde, coisas que ninguém bem formado admite hoje em dia que sejam privilégios de minorias, como são no Brasil. Mas será que pensam que seu semelhante pobre teria direito a ler Dostoievski ou ouvir quartetos de Beethoven? (CANDIDO, 2004, p. 172)

ele direciona para a população a responsabilidade de enxergar o próximo como alguém digno de consumir o mesmo conteúdo artístico. Esse trabalho não tem como objetivo propor uma discussão em torno dos complexos conceitos de “alta” e “baixa” cultura. Entretanto, ainda que, ao se posicionar dessa maneira, Antonio Candido automaticamente presuma que um tipo de cultura é “maior” do que o outro, é interessante pensar nessa questão como um direito. Ninguém precisa ler Dostoievski ou ouvir quartetos de Beethoven, caso não queira, mas ter essa como uma possibilidade deveria sim ser um direito de todos. O acesso em si a todo e qualquer tipo de manifestação artística é que deveria ser universal. Porque quando se democratiza o acesso à leitura, abre-se a possibilidade de se tornar um leitor a quem talvez nunca tenha nem considerado essa ideia. E esses novos leitores podem passar a abrir a mente para os mais diversos tipos de literatura, transitando tanto entre os gêneros e autores canônicos quanto entre os tidos como “menores”. Entretanto, essa escolha partiria do próprio leitor e não de alguém (seja o governo, seja o próprio mercado) que diz o que o público deve ler a cada momento.

Para que essa seja uma realidade possível, o trabalho de iniciação à leitura deve ser feito desde a adolescência, preferivelmente desde a infância. Quando alguém lê desde a infância ou adolescência, e se acostuma com aquele formato de contato com uma história, é mais provável que em algum momento leia textos mais complexos sem maiores dificuldades. E, ainda que uma pessoa comece a se inserir na literatura já na vida adulta, os livros voltados para jovens adultos podem exercer esse mesmo papel de iniciar a formação de um leitor. Talvez isso ocorra por conta dos conflitos que costumam aparecer nos livros Jovem Adulto independentemente da temática da história, os dilemas de uma fase que o público alvo está vivendo, mas que também conversam com os adultos que já passaram daquela fase, gerando uma facilidade de identificação do leitor com a história. Essa identificação gera um laço afetivo entre quem lê e a própria narrativa. E é justamente esse laço que pode afetar completamente a vida literária de uma pessoa, em qualquer idade.

O que busco analisar aqui não é se as Literaturas Juvenil e Jovem Adulto seriam apenas literaturas de transição, ou de baixo nível de complexidade. A literatura feita para jovens é potencialmente capaz de atingir adultos e de acarretar discussões e reflexões mais complexas e filosóficas. E é por isso mesmo que ela pode servir como uma chave para que o mundo da literatura se abra para alguém, e ser uma espécie de apresentação daquele universo. A partir dessa apresentação, poderia o leitor se desprender da leitura de um único gênero e se aventurar por textos outros, canônicos ou não, de acordo com seus interesses, sem necessariamente deixar de ler aqueles livros Juvenis e Jovem Adulto? É o que se pretende investigar com esse trabalho.

Livros Jovem Adulto podem estar repletos de intertextualidades, que podem despertar o interesse de leitores para outros textos e diferentes manifestações artísticas. A obra intitulada “Carta de Amor aos Mortos” (2014), de Ava Dellaira, por exemplo, traz a presença de referências a nomes de diversas áreas dentro dos interesses da protagonista, que conta sua história a partir de cartas para essas personalidades que já morreram. Entre os nomes, há desde Janis Joplin e Kurt Cobain até Amelia Earhart e John Keats. O livro, que tem os jovens como público alvo, pode despertar a curiosidade do leitor pelas personalidades sendo citadas.

A saga Crepúsculo, que também nos serve de exemplo, apresenta epígrafes de obras como “Romeu e Julieta”, de William Shakespeare, em “Lua Nova” (2006),

segundo livro da série; e “Fogo e Gelo”, poema de Robert Frost, em “Eclipse” (2007), terceiro livro da série. Crepúsculo faz ainda diversas referências ao livro “O morro dos ventos uivantes” (1847), da inglesa Emily Brontë.

A presença desse último livro na história despertou em muitos adolescentes a curiosidade pela obra de Brontë, escrita no século XIX. Um selo que dizia “o livro favorito de Bella e Edward, da série Crepúsculo” foi adicionado, em 2011, à capa de uma nova edição, pela editora Leya, de “O morro dos ventos uivantes”, que também ganhou um design mais sombrio, seguindo a linha gráfica da própria saga Crepúsculo. Como veremos mais adiante, o mercado editorial dita as regras, mas também se adapta à demanda de seu público.

A questão é que os leitores podem, a partir do contato com obras como essas, descobrir novos mundos literários, seja por vontade própria ou por intermédio de um mediador de leitura. A figura do mediador é muito importante quando pensamos em jovens sendo iniciados na literatura. Pode ser mais um fator a incentivar o jovem a se aventurar por diferentes narrativas, autores e gêneros.

Para a antropóloga francesa Michèle Petit (2013), essa mediação é algo muito delicado, já que, ainda que a intenção de intermediar a relação de um jovem com um livro seja a de estimular esse jovem a se tornar um leitor empenhado, se não for realizada com cuidado, pode acabar por fazer com que o jovem perca o interesse pela leitura já que “[...] a parte do não-dito de um conto ou de um texto literário que é deixada à fantasia de cada um, nunca deveria ser objeto de um questionamento por parte de um adulto” (2013,p.22-23). Ainda assim, a autora afirma que “quando não se teve a sorte de dispor de livros em casa, de ver seus pais lerem, de escutá-los contar histórias, as coisas podem mudar a partir de um encontro.” (2013, p. 25).

Já o também francês Pierre Bourdieu (2011) acredita que, quando o acesso à leitura se torna amplo por ser feito via sistema escolar, produz um efeito inesperado. Para ele, a leitura se apresenta como uma necessidade pessoal e privada de distração, ou busca por informação. O sociólogo compara leitores que tiveram influência do sistema escolar com autodidatas dizendo que “o que me surpreendeu nos testemunhos de autodidatas que nos foram relatados é que testemunham uma espécie de necessidade de leitura que, de uma certa maneira, a escola destrói para criar outra, de uma outra forma” (2011, p. 241).

O que se pode pensar a partir disso é que a mediação, a iniciação desse jovem à leitura, até pode ser feita tanto pela escola quanto pela família, ou mesmo por intermédio de outras pessoas, mas sem que os adultos envolvidos nisso anulem as interpretações do adolescente em nome de um modelo interpretativo de determinado texto, ou tornem aquela leitura algo massante e obrigatório. Até porque a ideia de que todo texto tem uma determinada interpretação soberana é muito pobre, é uma redução muito simplória da leitura de uma obra a um único ponto de vista interpretativo.

Bourdieu contesta a ideia, para ele, muito presente no imaginário social de que “ler um texto é compreendê-lo, isto é, descobrir-lhe a chave. Quando de fato nem todos os textos são feitos para serem lidos nesse sentido” (2011, p. 234). O que enriquece um texto são justamente as infinitas possibilidades de entradas e saídas interpretativas, de acordo com a maneira como aquilo que é lido e afeta cada leitor. A literatura pode despertar no jovem diversos sentimentos e um verdadeiro envolvimento com o que foi lido. Validar as visões desse leitor é de extrema importância para que ele mantenha seu interesse não só por aquele livro como pelos próximos que pode vir a ler.

De acordo com Petit (2013), “tudo o que podem fazer os iniciadores de livros é levar as crianças - e os adultos - a uma maior familiaridade e uma maior naturalidade na abordagem dos textos escritos.” (p. 37). É preciso cuidado para que a mediação não seja impositora, fazendo com que a leitura se torne obrigatória e o leitor perca seu desejo pelos livros.

Pensando na questão proposta por Antonio Candido, de tratar a Literatura como parte dos direitos humanos, podemos ainda trazer a ideia de Petit, de que a fronteira social muitas vezes impede aqueles que são mais pobres de chegarem ao livro, tanto geograficamente quanto por conta das condições sociais de não pertencerem a espaços de convívio com o livro e práticas de leitura. Em uma economia de subsistência, as pessoas são levadas a crer que livros não são objetos indispensáveis para a sobrevivência. E o restante da população acaba não percebendo, ou fingindo não ver, essa realidade.

Nesse ponto, é interessante pensar em como as práticas de escrita na *internet* têm conseguido ampliar cada vez mais o acesso à leitura, principalmente entre

jovens. Na *internet*, podem ser encontradas plataformas de publicação e leitura gratuitas ou mesmo *e-books* sendo vendidos a menos de 5 reais.

Para Michèle Petit, é interessante que, a partir de um acesso à literatura, o leitor possa se construir, se formar, num processo ativo de leitura. Essa leitura ativa, que envolve o leitor e o faz presente na leitura, “lançaria passarelas” para outros lugares. Para ela, a literatura pode ser um refúgio para esses jovens, que entram ali para fugir da realidade e podem acabar se identificando e se envolvendo verdadeiramente naquilo que leem.

2.1 A Literatura Jovem Adulto e a Internet

Como dissociar, atualmente, a prática da leitura do universo das redes digitais? Qualquer um que seja usuário ativo de uma rede social é bombardeado por textos (literários ou não) de forma massiva, 24 horas por dia. Para além das redes ditas “sociais”, na última década foram criadas diversas alternativas de leituras compatíveis com a tendência global de virtualização. Da mesma maneira, as práticas de escrita na internet não podem ser dissociadas do crescimento latente do consumo e da produção de obras do gênero *Young Adult*.

Plataformas de escrita *online* como *Wattpad*, *Sweek* ou mesmo plataformas dirigidas exclusivamente para escrita de *fanfics* interativas como *Fanfic Obsession*¹³ ou *Nyah! Fanfiction*¹⁴ cada vez mais capturam jovens leitores. Nessas plataformas, os autores são livres para publicar seu conteúdo gratuitamente, e os leitores podem ter acesso às narrativas da mesma maneira. Tanto no *Wattpad* quanto no *Sweek*, os autores podem publicar seus livros em capítulos seriados ou o livro inteiro de uma vez. Os leitores podem interagir com a história por meio de curtidas, votos e comentários. Uma consequência dessa interação é a aproximação leitor-autor. O autor das histórias fica muito mais acessível, uma vez que precisa conquistar seu público e interagir com ele para cativar esses leitores.

¹³<http://fanficobsession.com.br/>

¹⁴<https://fanfiction.com.br/>

Além disso, assim como outros gêneros populares entre leitores, como fantasia e romances eróticos, a literatura Jovem Adulto cresceu muito no Brasil a partir da expansão da possibilidade de autopublicação. Quando o acesso à publicação de uma obra, principalmente em meios digitais, fica mais democrático para o autor¹⁵, conseqüentemente, mais livros são lançados. E, dessa vez, os únicos responsáveis pela publicação e distribuição da obra são os próprios autores. Isso porque, com a grande oferta de títulos, os autores precisam conquistar e cativar seu público para garantir que serão lidos.

Pierre Bourdieu, no debate “A leitura: uma prática cultural” (2011) com Roger Chartier, define a publicação como a “ruptura de uma censura” (2011, p. 244). O autor diz também que “desde que o livro é um poder, o poder sobre o livro é evidentemente um poder” (2011, p. 243). No caso da autopublicação, pode-se dizer que os autores tomam para si esse poder, subvertendo a lógica em que é a editora que decide o que vai ser publicado e, conseqüentemente, o que vai ser tido como relevante para leitura.

A conseqüência disso é que cada vez mais o autor deixa de atender àquele estereótipo ainda muito presente no imaginário popular do escritor como aquela figura velha e sábia, que vive isolada numa cabana, no alto da montanha, sustentando-se apenas daquilo que escreve e sem a menor necessidade de interagir com os leitores. A tendência é que essa imagem diminua cada vez mais no meio literário influenciado pela vida digital do fim da segunda década do século XXI. Os escritores estão mais perto de seus leitores do que nunca, muito mais acessíveis para eles. Essa mudança exerce total influência na relação de envolvimento do leitor com uma história, já que ele pode facilmente entrar em contato com aquele escritor e ser atendido. Em plataformas como o *Wattpad*, o leitor pode inclusive deixar comentários durante toda a obra, nos trechos que sentir necessidade, além da possibilidade de conversar diretamente com o autor.

As redes sociais *online* (não só as literárias) proporcionam um contato direto leitor-autor e isso acaba tendo um enorme papel no incentivo à leitura dos jovens.

¹⁵Referimo-nos às plataformas como *Wattpad* ou ao sistema de autopublicação da *Amazon*, que permitem que os próprios autores façam todo o processo editorial de seus *e-books* e os coloquem à venda pelo preço que preferirem na loja *Kindle*, podendo inclusive disponibilizar os livros na “locadora” da *Amazon*, o *Kindle Unlimited*.

Na Bienal do Livro do Rio de Janeiro de 2017, o número de jovens entre 15 e 19 anos presentes no evento aumentou 15% em relação à edição de 2015.¹⁶ Na edição de 2018, em São Paulo, o aumento da procura jovem se repetiu.¹⁷ A Bienal do Livro de 2019 contou com a polêmica tentativa de censura do prefeito da cidade à história em quadrinhos da Marvel “Vingadores: a cruzada das crianças” por conta de uma cena de beijo homossexual na obra. A prefeitura mandou recolher os exemplares do livro, que esgotaram antes que os fiscais chegassem ao local; e promoveu fiscalizações a todos os estandes da feira em busca de livros com conteúdo LGBT, que deveriam ser embalados e etiquetados como conteúdo impróprio. O prefeito Marcelo Crivella foi duramente criticado e, em resposta, recebeu milhares de jovens protestando em defesa da literatura LGBT no evento, batendo recorde de público entre todas as edições da Bienal do Livro no Rio de Janeiro.

A edição da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” publicada em 2015¹⁸, realizada pelo Instituto Pró-Livro, revelou que entre os 104,7 milhões de leitores no Brasil, as faixas etárias mais jovens juntas contêm a maior parte das pessoas que leem porque gostam. Cerca de 40% das crianças entre 5 e 10 anos leem por prazer. Na faixa de 11 a 13 anos o número sobe para 42% enquanto as faixas de 14 a 17 e 18 a 24 têm respectivamente 29% e 21%. Apenas se aproximam desses números as faixas etárias de idosos de 50 a 69 e maiores de 70, que têm 23% e 25%, respectivamente.

A pesquisa apontou que a média de livros lidos por ano no país em 2015 era de 4,96 livros por pessoa, contra a média de 4 livros por pessoa na edição anterior da pesquisa, realizada em 2011. A população leitora aumentou de 50 para 56% em quatro anos. Outro dado muito interessante levantado pela pesquisa e que serve

¹⁶TORRES, Bolívar. *Público jovem cresce e Bienal do livro bate record*. In: O Globo. 10/09/2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/publico-jovem-cresce-bienal-do-livro-bate-recorde-21806537> (acesso em 22/09/2019)

¹⁷AMICO, Raquel. *Literatura jovem é um dos destaques da Bienal de São Paulo*. In: Estante Blog. 06/08/2018. Disponível em: <https://blog.estantevirtual.com.br/2018/08/06/literatura-jovem-na-bienal-de-sao-paulo/> (Acesso em: 22/09/2019)

¹⁸Retratos da Leitura no Brasil. Pesquisa disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf

como referência para essa investigação demonstra que 81% da população leitora é usuária da internet.¹⁹

Uma pesquisa do Datafolha²⁰ feita com jovens entre 16 e 24 anos, e publicada em 2015, aponta que 78% dos jovens nessa faixa etária possuem *smartphones* e que a média de uso do aparelho entre eles é de nove horas diárias. Esse índice revela muito sobre como a literatura chega a esses jovens leitores, que enchem eventos literários, tais como bienais do livro e fazem números de pesquisas literárias subirem. O próprio acesso à literatura, com o avanço tecnológico nas interações sociais, passou a ser também digital.

Além das plataformas digitais de autopublicação e da inevitável aproximação dos leitores com os escritores a partir das redes digitais, numa realidade em que os jovens passam quase 40% do dia conectados a seus *smartphones*, de que modo a literatura chega até eles? Como eles decidem o que vão ler, onde e quando ler? Como eles descobrem novos títulos e autores? “Por meio da *internet*” talvez seja a resposta mais adequada para todas essas perguntas.

Em seu artigo “A culpa da crise no mercado editorial não é do ‘brasileiro que não lê”²¹, publicado em seu blog pessoal no *Medium*, a jornalista Jéssica Ferrara defende que o novo modelo de negócio do mercado editorial deve ser digital. A autora aponta plataformas como o *WhatsApp*, o *Youtube* e a *Netflix* como maiores concorrentes das editoras atualmente. Jéssica Ferrara levanta ainda a questão dos *booktubers*, que com a desvalorização da curadoria de livreiros, conseguiram, desempenhando esse papel, se estabilizar com um público relevante e boas estatísticas de seguidores e visualizações, além de reconhecimento de seu trabalho pelo próprio mercado literário.

¹⁹MARQUES NETO, José Castilho. *Retratos da Leitura no Brasil 2015: crescemos? Estamos lendo mais?* In: Publishnews. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2016/06/07/retratos-da-leitura-no-brasil-2015-crescemos-estamos-lendo-mais> (Acesso em: 19/10/2019)

²⁰O SUL. *Público jovem fica nove horas por dia ligado à internet pelo celular*. Disponível em: <http://www.osul.com.br/publico-jovem-fica-nove-horas-por-dia-ligado-a-internet-pelo-celular/> (Acesso em: 19/10/2019)

²¹FERRARA, Jéssica. *A culpa da crise no mercado editorial não é do “brasileiro que não lê”*. Disponível em: <https://medium.com/@jehferrara/a-culpa-da-crise-do-mercado-editorial-n%C3%A3o-%C3%A9-do-brasileiro-que-n%C3%A3o-l%C3%AA-9d41023d7e9c> (Acesso em: 19/10/2019)

Os blogueiros que usam o *Youtube* para discutir livros carregam um público fiel que confia em suas indicações e consomem aquilo que esses influenciadores dizem ser bom. Uma grande questão, porém, é que grande parte desses “influenciadores” fecham parcerias com editoras e autores, seja ganhando livros para resenhar ou em outros moldes de remuneração. É claro que o retorno financeiro é justo e merecido, mas, ainda que as resenhas sejam sinceras, há de se questionar quem dita qual o livro será determinado como “da moda” entre determinado público.

Theodor Adorno e Max Horkheimer (2011), buscando causar desconforto e reflexão sobre um conceito que para eles deveria ser um oxímoro, acabaram cunhando o termo Indústria Cultural, que veio a ser naturalizado. Para Adorno (1971), a Indústria Cultural seria uma ideologia da classe dominante comercializada para a classe dominada e “cultura de massa” seria uma cultura feita para a massa e não pela massa.

Em seu ensaio “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” (2012), Walter Benjamin defende que a reprodutibilidade técnica de uma obra de arte desvalorizaria a autenticidade de uma obra e afirma também que esse movimento a que ele chama “declínio da aura” é intimamente relacionável com a “intensidade dos movimentos das massas” (2012, p. 184). Benjamin diz que “[o]rientar a realidade em função das massas e as massas em função da realidade é um processo de imenso alcance, tanto para o pensamento como para a intuição” (2012, p. 184-185).

Os livros, de qualquer gênero, que entram para as listas de *best-sellers*, e conseqüentemente são os mais lidos durante certo período, dificilmente chegam a esse posto de maneira orgânica. As editoras injetam tempo e dinheiro para uma divulgação massiva, seja nas vitrines de livrarias, ou, principalmente, no novo modelo de negócio digital. Os “livros do momento” são comentados por grande parte dos *booktubers* e blogueiros literários de sucesso, contratados ou parceiros da editora. Quando o público encontra resenhas sobre aquele mesmo livro em três, quem sabe cinco, dos canais e blogs literários que acompanha, o sentimento de necessidade de ter e ler aquele livro é construído e reproduzido. É a lógica do mercado, ainda que muitas vezes o consumidor nem perceba.

Esse movimento de “orientar as massas em função da realidade e a realidade em função das massas”, apontado por Benjamin, pode ser lido em situações como essa. O mercado se adapta às necessidades e demandas de quem consome,

publicando livros nas temáticas que mais agradam ao público leitor, ou explorando um gênero literário a partir de um *case* de sucesso; mas também dita o que deve ser consumido, fazendo parcerias com blogs e retroalimentando as necessidades criadas pelo próprio mercado nos leitores.

O mercado literário e editorial não deixa de se aproveitar de uma temática que fez sucesso para lançar dezenas de livros que abordam temas parecidos. Querendo ou não, as editoras são empresas, e, numa sociedade capitalista, o livro é a mercadoria que faz a engrenagem do mercado editorial, que também conta com eventos, bienais e marketing digital, continuar girando. E mesmo a autopublicação, que desvia de certa forma o fluxo tradicional de consumo leitor-editora-livraria, acaba entrando na mesma lógica capitalista, já que são os autores que precisam ser seus próprios divulgadores e vendedores. Os autores independentes e autopublicados vendem seus livros em eventos literários e livrarias online e, muitas vezes, também criam parcerias ou contratam os mesmos blogueiros e *booktubers* que resenham os livros das editoras. A lógica acaba não sendo tão diferente. E essa lógica pode funcionar resultando numa febre de livros sem texto algum para adultos colorirem mandalas. Mas também pode resultar num movimento como aquele da reedição de “Morro dos ventos uivantes” a partir do interesse dos leitores da Saga Crepúsculo.

Por conta dessa adaptação ao modelo digital do mercado literário, muitas editoras já começaram a olhar para o mundo da literatura disponível em plataformas digitais. Em 2014, a autora fluminense FML Pepper conseguiu, após estrondoso sucesso da série “Não Pare!”, autopublicada na Amazon, fechar um contrato híbrido com a editora Valentina, que publicou os livros físicos da série, permitindo que os *royalties* dos *e-books* fossem integralmente da autora. Autoras que surgiram e foram bem lidas no Wattpad e na Amazon, como Clara Savelli, Larissa Siriani e Ray Tavares, para citar apenas alguns exemplos, têm cada vez mais fechado contratos com grandes editoras como Record, Globo e Intrínseca.

Mas qual seria o impacto disso tudo nos leitores? Que tipo de relação eles teriam com as literaturas escritas para jovens? E qual teria sido o impacto desses gêneros literários para sua relação com a Literatura como um todo? Que tipo de serviço, ou desserviço, o novo modelo de literatura digital prestaria a esse público?

Capítulo 3: Quem são os leitores da Literatura Jovem Adulto?

Não seria possível, para essa pesquisa, mensurar por completo a comunidade de leitores do gênero Jovem Adulto. Como visto nos capítulos anteriores, os leitores do nicho estão espalhados entre idades, gêneros e classes sociais distintas. Há grupos e comunidades em redes sociais, usuários de plataformas como *Wattpad* e *Sweek*, audiência de *Booktubers* e público de diversos *blogs* e fóruns espalhados pela *web*. Além disso, muitos leitores do gênero também se interessam por outros tipos de literatura e transitam por diferentes gêneros literários. Dessa forma, os números se perdem e não há como determinar de maneira exata quantos leitores no país costumam ler narrativas de YA.

A partir de um questionário divulgado na internet, procurei obter respostas para questões levantadas durante toda minha investigação, visando tanto ter uma noção geral sobre o que os leitores, de qualquer gênero, entendem por Literatura Jovem Adulto, quanto questões mais pessoais, como explicarei a seguir.

Escolhi utilizar um questionário virtual como instrumento de investigação por acreditar que dessa maneira atingiria mais facilmente e em maior número o público que procurava. O questionário foi composto por 7 perguntas. Procurei trazer questões mais objetivas, abrindo espaço, onde achei necessário, para maiores explicações, caso o leitor quisesse se aprofundar mais na resposta. Segue a relação de perguntas disponíveis no questionário:

- A primeira pergunta do questionário era objetiva e pretendia investigar com quantos anos a pessoa havia se iniciado no universo da leitura. As opções eram as faixas de 5 a 8, 9 a 12, 13 a 15 ou mais de 16 anos;
- A segunda pergunta também era objetiva e buscava saber de que maneira a pessoa havia se iniciado como leitora. As opções eram as influências da família, da escola ou de amigos, além de por iniciativa própria e “outros”, com espaço para especificação;

- A terceira pergunta questionava, dentro de uma escala de 0 a 5, a frequência com que o leitor consumia livros do gênero *Young Adult*, sendo 0 nenhuma frequência e 5 uma frequência muito grande;

- A quarta pergunta era sobre quais gêneros mais influenciaram a formação do leitor que respondia à pesquisa. Entre as opções estavam “Literatura Juvenil”, “Terror”, “Fantasia”, “Quadrinhos” e “outros”, com espaço para especificação. Em seguida, pedia que citasse um livro que foi importante para sua formação como leitor.

- A quinta trazia a questão da diferença entre “Literatura Juvenil” e “Literatura Jovem Adulto”. Minha intenção era entender de que forma as pessoas percebiam essa diferença, ou se a percebiam. A pergunta era objetiva dividida entre “Muito Diferente”, “diferente”, “pouco diferente” e “existe diferença?”. Em seguida, deixei aberto um espaço não obrigatório com o comando “Explique a diferença que você percebe” para que a pessoa pudesse esmiuçar melhor seu ponto de vista caso achasse necessário;

- A sexta questão buscava saber a opinião dos leitores sobre o quanto a literatura juvenil pode contribuir para a formação dos leitores, muito, razoavelmente, pouco ou nada. Atrelado a ela também vinha um espaço com a pergunta “por quê?” para que a pessoa pudesse expandir sua resposta se quisesse.

- A última questão era a mais pessoal e perguntava qual havia sido a influência da literatura juvenil na formação como leitor de quem estava respondendo à pesquisa. Também trazia atrelada a ela a possibilidade de responder à pergunta “por quê?” para que, caso a pessoa quisesse, pudesse explicar melhor de que forma havia sido afetada pelo gênero.

A pesquisa ficou disponível online durante 31 dias, no período de 15 de setembro a 16 de outubro de 2019, e foi divulgada em distintas redes sociais e grupos de leitores *online*, como Leitores e Autores²² e *Wattpad* Brasil²³. Procurei

²²<https://www.facebook.com/groups/1100344096652101/>

²³<https://www.facebook.com/groups/wattpadbr/>

fazer a divulgação em espaços que trouxessem leitores com características distintas, para obter um parâmetro sobre a forma como a literatura para jovens é encarada no universo leitor como um todo.

Foi interessante observar a forma como as respostas variavam entre um pico de fluxo e outro, de acordo com o local em que a pesquisa ia sendo divulgada. Obtive um total de 589 respostas. Em todos os *posts* de divulgação da pesquisa, frisei a importância de que as respostas deviam ser de pessoas que possuem o hábito da leitura.

As primeiras respostas foram advindas do *Twitter*, de onde obtive bastante retorno em pouquíssimo tempo após alguns blogueiros e autores do gênero, como o blog Sem Spoiler²⁴ e a autora Babi Dewet²⁵, compartilharem meu post. Depois de alguns dias, parei de receber respostas de quem viu a pesquisa no *Twitter* e decidi divulgar em meu perfil pessoal do *Facebook*. O que observei nesse momento foi uma virada grande no padrão das respostas.

Enquanto no *Twitter*, por consequência da divulgação de blogueiros e autores, atingi precisamente o público da Literatura Jovem Adulto, que trazia respostas articuladas e definições muito seguras a respeito do gênero YA, entre os leitores que acessaram a pesquisa a partir do meu *Facebook*, muitas das respostas não conseguiam distinguir a diferença entre Literatura Juvenil e Literatura Jovem Adulto. Entretanto, as respostas vindas das duas fontes traziam muitas pessoas que foram influenciadas pela literatura jovem para se tornarem leitoras.

A pesquisa foi divulgada ainda em três grupos de leitores no Facebook, um deles voltado especificamente para leitores e autores do *Wattpad*, o *Wattpad Brasil*²⁶, os outros dois com um público mais variado, Leitores e Autores²⁷, e Sociedade Secreta dos Escritores Vivos²⁸. As respostas advindas desses grupos foram mais diversificadas, mas ainda foi possível perceber uma grande influência dos gêneros juvenis na formação desses leitores.

²⁴<https://twitter.com/semspoiler>

²⁵<https://twitter.com/babidewet>

²⁶<https://www.facebook.com/groups/wattpadbr/>

²⁷<https://www.facebook.com/groups/1100344096652101/>

²⁸<https://www.facebook.com/groups/sociedadesecretadosescritoresvivos/>

3.1 Como o leitor vê a Literatura Jovem?

Com 589 respostas vindas de distintos grupos de leitores, o resultado foi bastante diversificado. Ainda assim, é importante ressaltar que, tendo sido divulgada a partir das minhas redes sociais *online*, apesar de não ter recolhido esse dado, o mais provável é que a pesquisa tenha atendido a um recorte regional, econômico e social. Isso porque minhas redes sociais, tanto *Facebook* quanto o *Twitter*, possuem uma maioria de pessoas da região sudeste, principalmente no eixo Rio de Janeiro – São Paulo.

É certo que, como minha conta no *Twitter* é aberta, com os compartilhamentos do *post*, perdi o controle de em que região do Brasil estavam as pessoas que respondiam. E apenas depois da leitura de algumas respostas identifiquei a ausência desse dado entre as perguntas do questionário. O mesmo acontece com as respostas vindas dos grupos do *Facebook* em que pessoas do Brasil inteiro são aceitas e ativas, ou seja, fazem postagens e acompanham e interagem com as postagens de outros usuários. Entretanto, ainda que algumas respostas tenham vindo de outras regiões do país, é preciso considerar também o fato de ter sido uma pesquisa que usou o recurso de formulários do *Google* como suporte. E, como visto nos capítulos anteriores, o acesso à internet e o acesso à Literatura Jovem Adulto estão intimamente conectados. Dessa forma, para responder, era preciso que, além de acesso aos livros de um gênero específico, a pessoa também tivesse acesso à internet e redes sociais *online*.

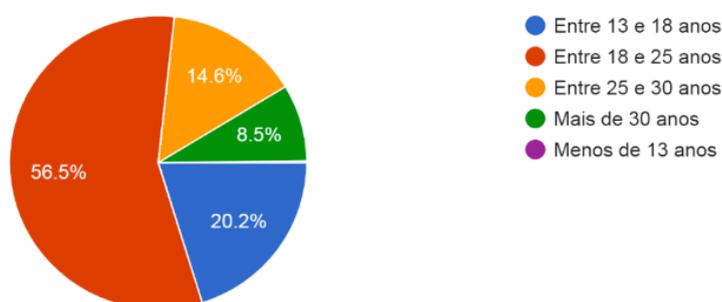
A edição de 2015 da “Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios”²⁹, do IBGE, apontou que em 2015 os domicílios que possuíam microcomputador correspondiam a 46,2% da amostra da pesquisa. Apenas 40,5% dos domicílios possuíam microcomputador com acesso à internet. As menores proporções de domicílios com microcomputador foram as regiões Norte, com 26,7%, e Nordeste, com 30,3%. Esses números apresentaram, em relação aos da edição anterior da pesquisa, em 2014, uma diminuição na quantidade de domicílios com microcomputadores e/ou acesso à internet em todo o Brasil. A partir disso, entende-se que o país ainda sofre de uma grande desigualdade digital, o que,

²⁹ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores 2015*. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

provavelmente, é refletido numa pesquisa que investiga qualquer assunto a partir de meios digitais.

Antes do questionário mais direcionado para as informações relativas à formação do leitor(a) e hábitos de leitura, havia a seguinte pergunta: “Qual a sua idade?”. A partir dessa questão, foi possível traçar um perfil de quem responderia à pesquisa. Os resultados foram pautados pelos jovens. 56,5% das respostas vieram de pessoas entre 18 e 25 anos; 20,2% foram pessoas de 13 a 18 anos; 14,6% das respostas vieram de pessoas entre 25 e 30 anos; pessoas com mais de 30 anos totalizaram 8,5% da pesquisa e apenas 0,2% (uma única pessoa) tinha menos de 13 anos.

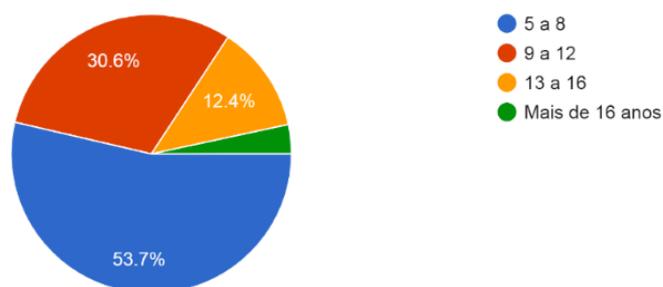
Qual sua idade?
589 responses



A pergunta sobre a idade com que cada um se iniciou no mundo da leitura mostrou como resultado uma maioria de pessoas leitoras desde a infância. 53,7% foram iniciadas à leitura entre 5 e 8 anos e 30,6% entre as idades de 9 e 12 anos. Apenas 12,4% das pessoas entrevistadas viraram leitoras entre 13 e 16 anos e uma minoria de 3,4% começou a se envolver com os livros com mais de 16 anos.

1- Com quantos anos você se iniciou no mundo da leitura?

589 responses



Ainda que retratem um recorte restrito frente a desigualdade digital presente no Brasil, as duas primeiras perguntas apresentaram resultados interessantes a serem analisados para esse trabalho. Isso porque grande parte do público que respondeu ao questionário começou a ler cedo e, conseqüentemente, teve mais probabilidade de ser exposto a literaturas voltadas para o público jovem.

Questionadas sobre as influências que as levaram a se tornarem leitoras, 45,7% das pessoas responderam que se iniciaram no mundo da leitura por influência da família; 30,6% dos entrevistados marcaram que começaram a ler por iniciativa própria. A escola apareceu como influência em 12,4% das respostas e amigos influenciaram em 8% dos entrevistados. 3,3% das pessoas marcou a opção “outros”, contando outras formas de incentivo que os levaram ao universo da leitura.

Muitas das respostas que constavam como “outros” combinavam duas ou mais opções dadas anteriormente. Algumas pessoas disseram que tanto a família quanto a escola as influenciaram, outras atribuíram à escola e à iniciativa própria o incentivo no gosto pela leitura. Também apareceram respostas como “Comecei de verdade a ler com frequência e consumir e comprar livros com a saga crepúsculo, graças ao filme descobri que eram livros e comprei todos na época, e de lá pra cá não parei mais”; “por influência das fanfics”; “por influência do Youtube” e “por influência de filmes”.

2- De que forma você se iniciou no mundo da leitura?

589 responses



É interessante pensar no incentivo que filmes de sucesso, baseados em livros de sucesso, como as franquias Crepúsculo e Harry Potter causam nos jovens. Aqueles que se envolvem com a trama cinematográfica acabam influenciados a adquirir também os livros. O mercado se aproveita do sucesso desse tipo de obra para lançar novas edições do livro, com capas que reproduzem os cartazes dos filmes, pôsteres temáticos com os atores que interpretam os personagens e muita publicidade. O movimento de “[o]rientar a realidade em função das massas e as massas em função da realidade” (2012, p. 184-185), definido por Benjamin, é extremamente presente nesse exemplo.

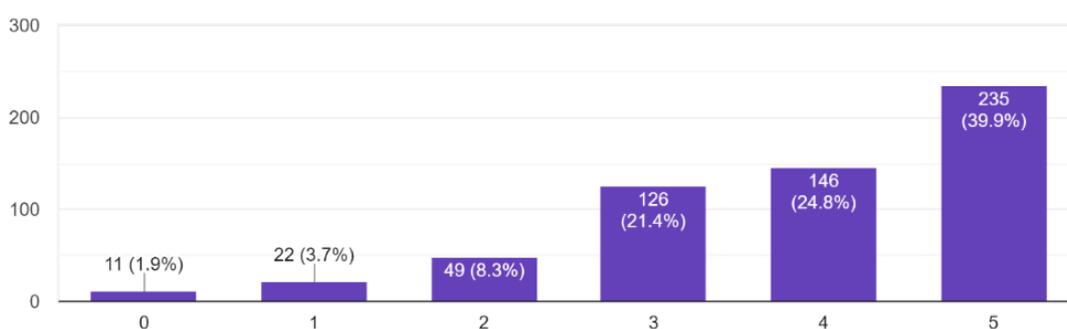
Algumas pessoas responderam que se iniciaram como leitores a partir de *fanfics* (histórias construídas por fãs a partir de universos e personagens existentes em outros livros, ou mesmo artistas a quem admiram). Cada vez mais presentes no universo literário, essas histórias acabam incentivando os jovens a tornarem-se leitores por se aproximarem deles. São textos que exploram muito a questão da identificação e envolvimento do leitor com a narrativa, já que muitas delas são até mesmo interativas. São histórias que conversam com os jovens, pois falam a língua deles, falam sobre pessoas ou personagens admirados por eles e, muitas vezes, são também escritas por jovens. Muitos jovens escritores têm as *fanfics* como início de carreira, como foi o caso da carioca Babi Dewet, autora da trilogia “Sábado à noite” (2012), originalmente uma *fanfic* da banda inglesa McFly.

Quando questionadas sobre a frequência com que os livros do gênero Jovem Adulto estão presentes em suas leituras, 39,9% dos entrevistados marcaram 5, a escala que representava muita frequência. 1,9% das pessoas que responderam

marcou 0 como frequência de leitura do gênero Jovem Adulto, ou seja, não leem o gênero. 3,7% dos entrevistados marcaram 1 na escala; 8,3% das pessoas marcaram 2 como frequência de leitura de livros Jovem Adulto; 21,4% marcaram 3 na escala, enquanto 24,8% marcaram 4 como frequência de leitura do gênero. A partir desses resultados, é possível perceber que a amostra da pesquisa conta com uma maioria de leitores que conhece e se interessa pelo gênero investigado.

3- Numa escala de 0 a 5, sendo 0 nenhuma e 5 muito grande, com que frequência livros do gênero Young Adult (Jovem Adulto) estão presentes em suas leituras?

589 respostas



A quarta pergunta trazia como questionamento quais os gêneros literários que mais influenciaram para que a pessoa se tornasse um leitor ou uma leitora. Era possível marcar mais de uma opção e ainda acrescentar gêneros que não estavam entre as opções disponíveis. Os resultados mostraram que 78,6% das 589 pessoas que responderam à pesquisa tiveram influência de Literatura Juvenil para tornarem-se leitoras; 71,1% foram influenciadas pelo gênero da Fantasia. Cerca de 42,1% das pessoas disseram-se influenciadas pelas histórias em quadrinhos para se encantarem pelos livros; 13,9% marcaram Terror como o gênero que as transformou em leitoras. Se levarmos em conta livros como os grandes sucessos (e muito citados pelos entrevistados) Harry Potter e Crepúsculo podemos afirmar que os dois gêneros mais citados, Juvenil e Fantasia, caminham juntos em muitos momentos.

Muitas pessoas optaram por selecionar a opção “outros” e especificar o gênero que teve maior importância em sua formação como leitor ou leitora. As respostas foram extremamente variadas. Entretanto, algumas se repetiram. “Romance” apareceu como um gênero que influenciou 4,3% das pessoas, além de ser repetido em respostas como “romance e fanfic”, “drama e romance”, “romance/comédia romântica”, “romance histórico” ou “romance, ficção científica e obras lgbt+”.

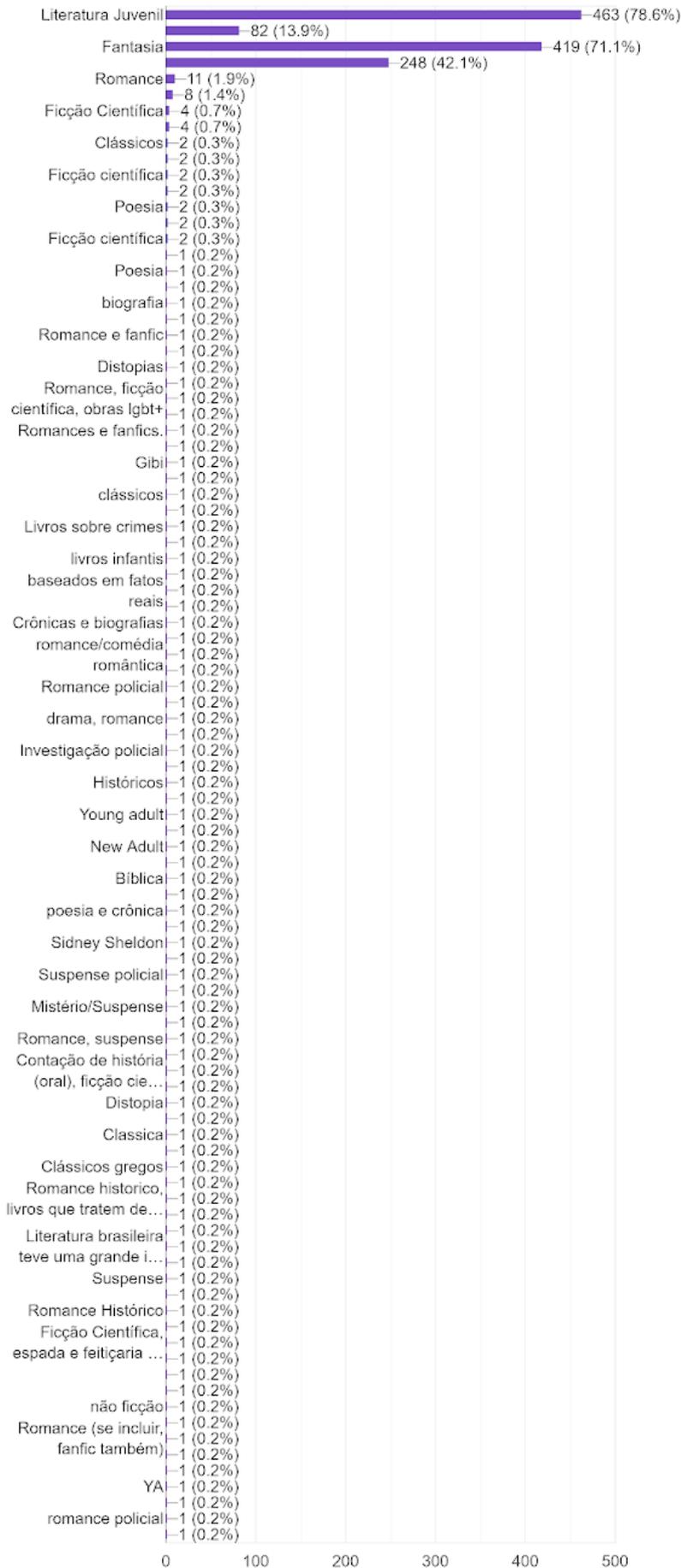
Os gêneros “Ficção científica”, “romance policial” e “suspense” também se repetiram algumas vezes. “Clássicos” e “poesia” também apareceram repetidas vezes. Cerca de 0,6% das pessoas citaram “*Young Adult*” ou “*New Adult*” como gêneros independentes que foram influência para suas formações como leitores.

O que todos os gêneros mais citados nas respostas a essa pergunta têm em comum é o fato de serem gêneros tidos por muitos como mais comerciais e menos “conteudistas”, ou cultos. Gêneros que são, por muitos, desvalorizados. Ainda assim, os números da pesquisa, juntamente com os depoimentos que aparecerão mais adiante mostram um carinho e, em alguns casos, gratidão dos leitores justamente em relação a esses gêneros.

Ou seja, com os resultados apontados pela pesquisa, podemos afirmar que narrativas voltadas para o entretenimento e mais exploradas comercialmente pelo mercado literário, muitas vezes interpretadas como uma literatura “menor”, claramente têm um papel importantíssimo na criação do laço afetivo do leitor com o hábito da leitura.

4- Quais os gêneros que mais te influenciaram a se tornar um leitor? Você pode marcar mais de uma opção.

589 responses



A partir das respostas a essa pesquisa, pode-se perceber a forte diferença que esse tipo de literatura “comercial”, muitas vezes é encarada como uma “não-literatura” pelo fato de ter um apelo mais mercadológico, pode fazer na formação de um leitor. O afeto gerado no leitor em seus dois sentidos, o do substantivo abstrato, sentimento de afeto, e o do verbo afetar, é fundamental para que a partir daquela leitura, alguém se torne um leitor. A relação do leitor com um livro que conversa com ele, que o conquista verdadeiramente é de extrema importância porque é a partir dela que se cria o hábito que pode perdurar a vida inteira.

Em seguida, o questionário pedia para que o entrevistado citasse um livro que tenha sido importante para sua formação como leitor. A intenção era confrontar essas respostas com as das perguntas anteriores de maneira a perceber quantos dos livros citados faziam parte dos gêneros tidos como “juvenis” e se estes de fato estariam presentes.

Os títulos citados foram muito variados, entretanto, alguns repetiram-se com maior frequência entre os entrevistados. As séries de livros “Harry Potter”, “Percy Jackson” e “Crepúsculo” foram as mais repetidas, seguidas pelas séries “A Seleção” e “Jogos Vorazes”. “O Pequeno príncipe” apareceu algumas vezes. Livros da “Coleção Vagalume”, Pedro Bandeira e Paula Pimenta também apareceram mais de uma vez. Os gibis da “Turma da Mônica”, de Maurício de Souza, também apareceram como importantes para a formação de alguns leitores. A autora americana também Meg Cabot foi citada por alguns entrevistados, assim como a carioca Thalita Rebouças.

Algumas pessoas citaram clássicos da Literatura brasileira e mundial como “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, “Os Miseráveis”, de Vitor Hugo, “A Revolução dos Bichos”, de George Orwell, “Morro dos ventos uivantes”, de Emily Brontë, “Pollyanna”, de Eleanor H. Porter e “O Diário de Anne Frank”.

É certo que o sucesso estrondoso das quatro franquias mais citadas (Harry Potter, Crepúsculo, Percy Jackson e Jogos Vorazes) e a massividade com que elas foram divulgadas e comercializadas, seja pelas adaptações cinematográficas ou pela febre dos próprios livros, foram extremamente responsáveis por que esses livros chegassem a um maior número de pessoas e, conseqüentemente, marcasse a vida de um maior número de pessoas. Entretanto, quer essa influência tenha se dado pelo

mercado ou não, é irrefutável dizer que esses livros deixaram sua marca em uma geração de jovens e foram responsáveis pela formação de muitos leitores.

Foi interessante também perceber que, entre a literatura nacional escrita para jovens, os livros citados passeavam entre as gerações. Os nacionais mais citados por pessoas de todas as faixas etárias foram Pedro Bandeira, Paula Pimenta, Thalita Rebouças e os livros da Coleção Vaga-lume, da Editora Ática. O curioso é que, ainda que Thalita Rebouças e Paula Pimenta sejam contemporâneas e tenham mercado apenas as gerações dos anos 2000 em diante, a coleção Vaga-lume começou a ser publicada na década de 1970; e o autor Pedro Bandeira publica seu primeiro livro em 1983. Esses livros conversam tanto com os adolescentes e jovens que ultrapassaram as barreiras de gerações, o que nos mostra que, ao contrário do estereótipo comercial e passageiro que muitas vezes é atribuído aos textos pelos quais os jovens se interessam, a literatura pensada para jovens pode se tornar atemporal.

Em seguida, a pesquisa visava investigar se as pessoas conheciam o termo “Literatura Jovem Adulto” e se elas entendiam o Jovem Adulto e o Juvenil como gêneros distintos. Em seguida, um campo não obrigatório pedia que a pessoa explicasse as diferenças que percebesse entre “Juvenil” e “Jovem Adulto” como gêneros literários.

É importante ressaltar que quando esse questionário foi montado, em meados do trabalho de leitura bibliográfica, foi pensado para atender tanto ao público que conhecia o nicho mercadológico do gênero Jovem Adulto, quanto àqueles que nunca haviam ouvido falar daquela nomenclatura. O objetivo era justamente saber das pessoas se elas conheciam o gênero Jovem Adulto e o que entendiam por essa nomenclatura.

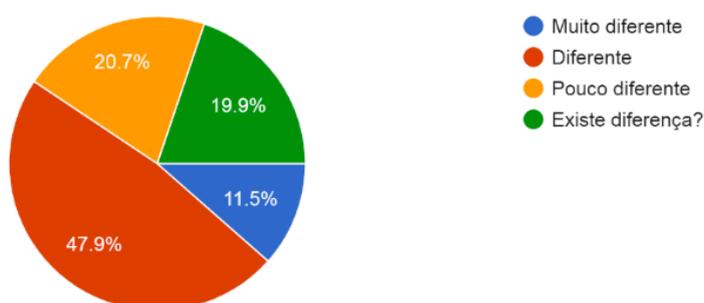
Por isso, muitas das perguntas falavam sobre “Literatura Juvenil”, como um grande guarda-chuva que abarcasse todos os “subgêneros” da literatura jovem. Foi interessante perceber, que, muitas das pessoas que não percebiam diferença entre literatura juvenil e literatura jovem adulto, ou disseram nem mesmo conhecer o último, citaram, na pergunta anterior, como importantes para sua formação livros marcados pelo próprio mercado como pertencentes ao gênero Jovem Adulto, como os do norte-americano John Green.

Cerca de 47,9% das pessoas que responderam à pesquisa disseram achar diferentes as Literaturas Juvenil e Jovem Adulto. Para 11,5% dessas pessoas, os

dois gêneros são muito diferentes, enquanto 20,7% dos entrevistados acreditam que a diferença entre Juvenil e Jovem Adulto é pouca. 19,9% de quem respondeu à pesquisa não percebe diferença entre os dois tipos de literatura.

5- Para você, qual o grau de diferença entre Literatura Juvenil e Literatura YA (Young Adult ou Jovem Adulto)?

589 responses



Muitas pessoas apontaram que a diferença estaria na temática e na maneira como os assuntos são tratados, adequando-se à faixa etária a que o livro pretende atender, tais como o depoimento da leitora N.S., reproduzido abaixo:

“Percebo na literatura YA a presença de temas mais complexos e com preocupações que envolvem não só a questão do personagem, mas também onde ele se encaixa em um contexto maior. Na literatura juvenil sinto um foco maior no indivíduo, como ele se sente, mas sem amplificar isso para uma questão social.

Porém, preciso salientar que não li tanta YA assim. Minhas impressões são como leitora que consome muito pouco desse tipo de literatura. Estou mais envolvida com a literatura policial e o terror.” (N.S.)

Ainda que diga não ler literatura Jovem Adulto, a diferença percebida por ela entre os gêneros Juvenil e Jovem Adulto assemelha-se bastante à distinção dos gêneros feita pelo próprio mercado literário aqui no Brasil, além de também se aproximar da ideia de Literatura *Young Adult* apresentada pela YALSA.

Para as leitoras A.R. e A.C., a maior diferença estaria na questão de tratar temas mais próximos do universo de cada faixa etária. Para A.R., a Literatura *Young Adult* se aprofunda mais em temas inerentes a um público que está no final da adolescência:

“O primeiro [juvenil] trata de questões ligadas ao universo juvenil, desde aventuras à descoberta do primeiro amor. Já o outro trata de questões ligadas a saída da adolescência e o início da vida, que vai desde à entrada na faculdade, o primeiro emprego, aventuras amorosas e descoberta, ou consolidação da sexualidade.” (A.R.)

Apesar de concordar de certo modo com A.R., em relação aos dilemas mais pertinentes ao fim da adolescência, que de fato são bastante presentes no gênero, acredito que também seja possível abordar aventuras e mesmo o primeiro amor na literatura Jovem Adulto. Entretanto, talvez de maneira mais aprofundada e complexa do que em romances juvenis, trazendo os conflitos de maneira menos suave, como pontua A.C.:

“Acredito que a literatura *Young Adult* possui personagens com grau de maturidade maior que a literatura juvenil, pudor menor ao tratar de temas como sexo ou drogas e maior flexibilidade nas relações interpessoais, evitando colocar o protagonismo como o personagem *versus* o mundo; vê-se trabalhar mais o amadurecimento do personagem, o protagonismo muitas vezes é o personagem NO mundo.” (A.C.)

A leitora N.M. levantou a possibilidade de a literatura YA ser apenas a “nova juvenil”:

“Talvez seja uma questão de época, não de gênero. Mas a percepção que tenho de literatura Juvenil é que é direcionada para um público um pouco mais jovem que da literatura YA (ali por volta dos 10-12 anos), que levanta problemáticas levemente diferentes e com um caráter educativo mais forte. Mas talvez a literatura YA seja apenas a nova Juvenil, trazendo olhares mais atualizados às questões da adolescência.” (N.M)

É interessante pensar na questão levantada pela resposta de N.M. Seria a literatura *Young Adult* assim tão diferente da mais conhecida Juvenil? Podemos entender a diferenciação feita pelo mercado como uma subdivisão dos gêneros de literatura voltada para jovens com o objetivo de classificar os conteúdos de acordo com as diferentes idades entre adolescência e juventude.

Retomando a fala de Valerie Peterson para o *Balance Career*, citada no Capítulo 1, “a grande carga e intensidade emocional [presente nos livros] é

proporcional ao nível de intensidade hormonal do público-alvo do gênero”.³⁰ Nessa fase da vida, as transformações são muito intensas e o grau de maturidade para lidar com certos temas muda muito em espaços de tempo muito pequenos. É com isso que a resposta do leitor A.N., reproduzida a seguir concorda:

“São públicos diferentes, logo os debates são diferentes. O YA é mais maduro e sério que o juvenil, mas isso não tira, de forma alguma, o mérito dos livros juvenis. Cada um dialoga com uma faixa etária distinta.” (A.N.)

Algumas pessoas, como as leitoras G.S. e J.G., citaram as idades dos personagens, que seriam compatíveis com a dos leitores. Para elas, o público da literatura Juvenil seria quem está entrando na adolescência (entre 10 e 13 anos), enquanto o da literatura Jovem Adulto seria formado pelos jovens do meio da adolescência até o início da vida adulta.

“Literatura juvenil contempla leitores que estão na puberdade até começo da adolescência e já literatura ya contempla leitores do final da adolescência até começo da vida adulta”; (G.S)

“Livros juvenis geralmente tem personagens mais jovens (10 a 16 anos, mais ou menos) e histórias mais tranquilas, aventuras, pouco se discute temas de grande repercussão. Já a YA tem personagens entre 16 e 20 e poucos anos, trazem temas mais pesados como abusos, relacionamos difíceis, dentre outros e alguns podem até apresentar cenas ou insinuação de sexo, coisa que não tem em livros juvenis.” (J.G.)

O uso da linguagem também foi apontado como um divisor entre os dois tipos de literatura. A leitora M.A. disse que “os livros *Young Adult* são mais ‘maduros’, tratam dos temas de forma diferente; a linguagem também muda, com o uso de palavras.”; o leitor J.B defendeu que a linguagem acompanha a maturidade dos assuntos abordados no livro: “os temas são mais maduros e a linguagem muda também”; assim como o leitor P.H., que apontou uma mudança ainda mais estrutural nas narrativas Jovem Adulto: “A linguagem e a temática tendem a ser jovem, com muitas reviravoltas e situações acontecendo. Também percebo o uso de uma linguagem mais corrente, com períodos curtos”.

³⁰ PETERSON, Valerie. Young Adult and New Adult Book Markets. In: Book Publishing Info. The Balance Careers. Publicado em: 16/12/2018. Disponível em: <<https://www.thebalancecareers.com/the-young-adult-book-market-2799954>> Acesso em: 1/06/2019

Esse ponto, percebido por muitos leitores, tem uma grande importância. Falar uma língua acessível aos jovens é essencial para estabelecer a comunicação com esses leitores e, dessa forma, aproximar-se da realidade deles e despertar uma identificação. Um caso recente de censura tocou justamente nessa questão.

Em novembro de 2019, a autora Luisa Geisler teve sua participação na feira literária da cidade de Nova Hartz cancelada já que seu livro “Enfim, Capivaras”, voltado para o público jovem, teria “linguajar impróprio”.³¹ O livro, que passava por uma leitura mediada entre professores e alunos em algumas escolas, teve seus exemplares recolhidos antes que os alunos pudessem terminar a história. Em nota para o jornal O Globo, a autora lamentou a censura dizendo que, em seu livro:

“Os personagens falam como adolescentes falam. Usam gírias e palavrões. [...] Alunos me informaram que seus professores disseram que esse tipo de linguajar não pode existir em livros. Não é apropriado. [...] Meu objetivo com o livro, se é que existe um, é formar leitores. Não é um manual ditatorial de bons costumes. [...] Você pode ler e discordar. Pode discutir a linguagem, a intenção de uma linguagem no lugar da outra. O leitor não é burro. E o leitor jovem é brilhante, eu sei porque conheço.”³²

É interessante pensar essa não subestimação do jovem leitor. Os livros que abordam assuntos mais densos, usando linguagem mais próxima dos leitores são capazes de tocar esses leitores de maneiras que talvez um livro com um linguajar tido como “mais adequado” não fosse capaz.

Ainda na quinta pergunta, houve também quem tecesse críticas às subdivisões mercadológicas e à nomenclatura “Jovem Adulto”, como a leitora M.F.:

“[e]stou confusa, porque acho que são a mesma coisa, mas não são bem a mesma coisa, entende? embora ambos sejam tratem de temas pertinentes ao adolescente em formação (conflitos familiares / sociais / internos, primeiras experiências etc) enxergo o *Young Adult* como uma roupagem nova e mais comercial do livro juvenil (vide a

³¹ BECK, Matheus. Escritora gaúcha diz que teve participação em Feira do Livro de Nova Hartz cancelada por 'linguajar inadequado'. In: G1 Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2019/11/13/feira-do-livro-de-nova-hartz-cancela-convite-a-escritora-gaucha-e-editora-critica-censura.ghtml>> Acesso: 27/11/2019.

³² GEISLER, Luisa. Enfim, Palavrões. In: O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/banida-de-feira-literaria-no-rs-autora-lamenta-censura-por-linguajar-inadequado-24079033>> Acesso em: 27/11/2019

adoção da *tag* em inglês), orientada às tendências de mercado, por isso seguindo algumas fórmulas prontas: romances sobrenaturais derivativos de *Twilight* de alguns anos atrás, seguidos pelas distopias como plano de fundo para triângulos amorosos que ninguém mais aguenta e atualmente romances açucarados com bastante representatividade (que eu gosto, mas acho que poderiam colocar diversidade em contextos / temáticas mais... diversas? complexas? é uma minoria que faz isso.). enfim, acho que na adoção da *label* "juvenil" havia uma preocupação a mais com o caráter formativo, uma "sustância" a mais, tanto que, na minha cabeça, obras como Harry Potter, *His Dark Materials*, Crestomanci, Peter Pan, Polyanna, Anne etc se encaixam como infanto-juvenil e outros mais densos (como o apanhador no campo de centeio) entram como juvenis. mas eu sei que tem gente dentro do *Young Adult* que escreve coisas realmente boas e interessantes, embora tenha muito material fraco e meramente derivativo." (M.F);

Para a leitora, a nomenclatura Juvenil já abarcaria todo tipo de literatura para jovens mais maduros. M.F. prefere utilizar a nomenclatura infanto-juvenil para os livros voltados para jovens no início da adolescência. E a partir dessa resposta voltamos à questão abordada no primeiro capítulo: é possível acomodar em uma mesma classificação toda a literatura feita para crianças, além de toda a literatura escrita para adolescentes num mesmo setor? É essa minha maior ressalva com o termo "infanto-juvenil". Entretanto, é interessante pensar na adoção do termo *Young Adult* como uma atualização do mercado que visa uma roupagem mais comercial para atingir os jovens.

O mais surpreendente, porém, foi a grande quantidade de respostas relacionando, ou confundindo, a Literatura Jovem Adulto com uma literatura erótica e explícita. Respostas como as reproduzidas a seguir apareceram com bastante frequência entre as respostas:

"O enredo e maior quantidade de conteúdo erótico" disse a leitora J.A.; "personagens mais velhos, linguagem mais madura e situações +18.", afirmou também a leitora S.M.; "Cita com mais detalhes as relações sexuais", apontou S.P.; para M.B, "Os personagens da literatura juvenil é mais sentimental, já na literatura YA é tudo mais físico"; para a leitora L.O. a diferença entre os gêneros seria: "Apenas que na YA tem cenas explícitas de sexo"; assim como para a leitora A.C., que diz que: "*Young Adult* apresenta mais uma leitura sensual, com partes para maior de 18".

Essa questão é extremamente delicada uma vez que, em sua definição básica, a Literatura *Young Adult* não passa perto de uma literatura erótica e explícita. O fato

de o gênero Jovem Adulto trazer entre seus conflitos questões sobre a sexualidade dos personagens não acarreta cenas explícitas. Ainda que os livros Jovem Adulto façam menção ao sexo como algo natural dentro do processo de formação e amadurecimento dos jovens, o assunto dificilmente seria tratado da maneira explícita como as respostas acima apontaram.

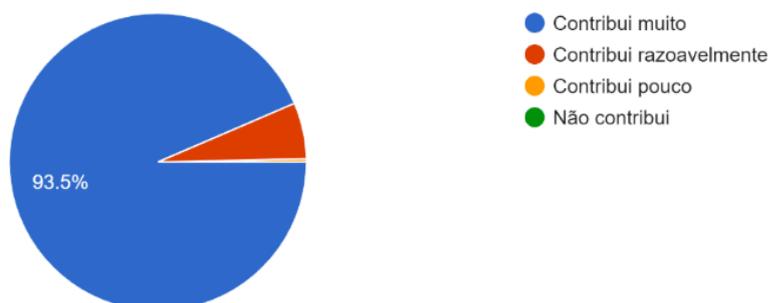
Entretanto, acredito que essa visão possa ser atribuída à cultura das *fanfics*. As histórias escritas por adolescentes que fantasiam com seus ídolos e personagens favoritos muitas vezes se propõem a trazer narrativas mais sensuais, muitas contendo, de fato, cenas de sexo explícito. Algumas plataformas de escrita online, como o *Nyah! Fanfiction* e o *Wattpad*, têm regras rígidas sobre a classificação indicativa das histórias. Entretanto, os usuários nem sempre seguem ou respeitam a classificação determinada pelo autor.

Esse fenômeno acaba resultando em leitoras adolescentes acostumadas a ler histórias com esse tipo de conteúdo e que, muitas vezes, acabam reproduzindo o conteúdo sexual explícito mesmo em narrativas com conflitos não eróticos. Isso acaba se tornando uma bola de neve a tal ponto que, como se percebe nas respostas acima, muitos leitores chegam a associar o gênero Jovem Adulto a esse tipo de conteúdo, quando os livros que dispõem de cenas de sexo explícito deveriam, talvez, ser classificados como literatura erótica (ou *hot*, como foi popularizado nas plataformas de escrita online).

A pergunta de número 6 buscava entender sobre o quanto os entrevistados acreditavam que a literatura juvenil pode contribuir para a formação de novos leitores. O resultado foi quase unânime: cerca de 0,3% das pessoas que responderam à pesquisa acreditam que a literatura juvenil contribui pouco para a formação do leitor; e 0,1% das pessoas disse não contribuir. Foi de 93,5% a quantidade de pessoas dizendo que a literatura juvenil contribui muito para a formação de leitores, enquanto 6,1% consideram que o gênero contribui razoavelmente para esse fim.

6- Na sua opinião, quanto a literatura juvenil pode contribuir na formação de leitores?

589 responses



Após a pergunta objetiva, havia um campo optativo para quem quisesse justificar a resposta. A partir daí, muitas justificativas interessantes apareceram. Respostas como a do leitor M.M: “Porque geralmente é a porta de entrada para o mundo literário. Talvez pela linguagem mais acessível (que também está presente nos YA) ou pela abordagem de temas mais atuais, é mais provável atrair a atenção do público juvenil.”; ou a de A.B. “Ninguém começa a ler por livros pesados ou ‘difíceis’. É a literatura juvenil que cria os leitores.” defenderam o papel da literatura escrita para jovens como uma primeira entrada para a literatura como um todo na vida de um leitor, ressaltando a importância de começar com livros mais próximos da realidade que eles vivem para que o gosto pela leitura se inicie.

Para Michèle Petit, não existe tal coisa como livros feitos sob as necessidades dos adolescentes. Os livros que tocariam esse público seriam justamente os escritos livremente e que acabariam, dessa forma, fazendo com que eles se identificassem. Talvez possamos utilizar essa ideia para justificar o sucesso dos livros escritos em plataformas digitais de escrita livre. Ou relacioná-la às respostas a seguir, que relacionaram o papel de formadora de leitores da Literatura Juvenil justamente com a possibilidade de maior identificação desses jovens com os personagens que leem.

“Muitos adultos que são leitores ávidos entraram em contato com os livros pela primeira vez na adolescência, leram livros juvenis e se apaixonaram. Outro ponto é que, em meu tempo como professora, pude perceber que introduzir a leitura através de livros adequados à faixa etária fazem toda a diferença. Um adolescente nunca vai se apaixonar pela leitura se a escola o forçar a ler Dom Casmurro aos 15 anos... Mas um livro escrito para ele? Com um protagonista da idade dele? As chances são muito mais altas.” (T.S.)

A resposta dada pela leitora T.S. conversa com a questão levantada por Petit sobre como os adolescentes perdem o desejo da leitura quando esta se torna enfadonha e obrigatória. A melhor maneira de transformar essa situação de fato seria trazer essa leitura em sala de aula mais para perto dos alunos. Se o livro conversa com ele, desperta o interesse, pode ser um primeiro passo.

Como disse Petit, “não se trata de confinar o leitor em uma cabana, mas sempre lhe lançar passarelas” (2013, p. 27). E a literatura escrita para o jovem leitor pode ser uma grande passarela, transformando-se até mesmo em grande aliada em sala de aula para que o interesse dos alunos pela leitura surja e daí se possa trabalhar também outros tipos de textos.

É com isso que também concordam as respostas a seguir. A leitora B.M. que diz que “A Literatura Juvenil cria novos leitores que no futuro provavelmente também lerão outros tipos de livros.”; já a leitora A.S. acredita que “colocando histórias que interessem o público alvo, eles irão criar os hábitos de leitura e irão moldando seus gostos ao passar dos anos.”;

Pierre Bourdieu também diz que:

“Diante do livro, devemos saber que existem leituras diversas, portanto competências diferentes, instrumentos diferentes para apropriar-se desse objeto, instrumentos desigualmente distribuídos, segundo o texto, segundo a idade, segundo essencialmente a relação com o sistema escolar, a partir do momento que o sistema escolar existe.” (2011, p. 237)

A partir dessa questão de “leituras diversas” e “competências diferentes”, é possível pensar nas respostas que apontaram ainda que, além de contribuir para gerar o gosto pela leitura, a Literatura Juvenil seria importante para ampliar a visão de mundo dos jovens leitores, gerando sentimentos como empatia e trazendo discussões que auxiliam na formação de caráter e personalidade. Foi o caso da resposta da leitora A.G., que disse que a Literatura Juvenil ajudaria na “formação como indivíduo, desenvolvimento de senso crítico, criatividade, socialização e autoconhecimento”; já a leitora G.B deu um relato mais pessoal apontando que a Literatura Juvenil teria grande importância “Porque, em mim pelo menos, incentivou minha empatia, solidariedade e compaixão com as pessoas, afinal ler ficção é o exercício de se colocar nas situações e analisar como você agiria.”;

Algumas pessoas, como nas respostas a seguir, veem a literatura juvenil como a possibilidade de dar para o jovem, que, muitas vezes, passa por questões complicadas, uma maneira de escape do mundo real. Para Michèle Petit, essa é uma importante questão. A antropóloga diz que “a leitura é também uma história de refugiados.” (2013, p.36), o jovem entra naquela leitura para fugir do mundo e acaba se identificando. É o que reforça a resposta da leitora B.K., reproduzida a seguir:

“Geralmente, esse tipo de leitura acontece em fases em que a maioria dos leitores se sente deslocado, então por meio dos livros eles acabam se sentindo acolhidos e aprendendo a lidar com as diferenças dos outros e as suas próprias. As vezes acaba sendo uma forma de escapismo, mas também é uma forma de estimular a criatividade e até fazer novos amigos com interesses em comum.”

Entretanto, também houve quem fizesse críticas ao mercado e à reprodução massiva de livros voltados para os jovens, o que, para esses entrevistados, facilitaria a formação de leitores de um gênero só. Foi o que disse o leitor L.R.:

“Quanto mais jovens as pessoas começarem a ler, mais fácil que isso torne-se hábito. Acho que a literatura juvenil é um bom degrau para que o leitor comece a se interessar por obras mais complexas. O meu maior problema com a literatura juvenil é que é um nicho comercial muito grande e não é difícil ficar só lendo livros desta classificação de gêneros (pouco) diferentes, com estruturas semelhantes.”

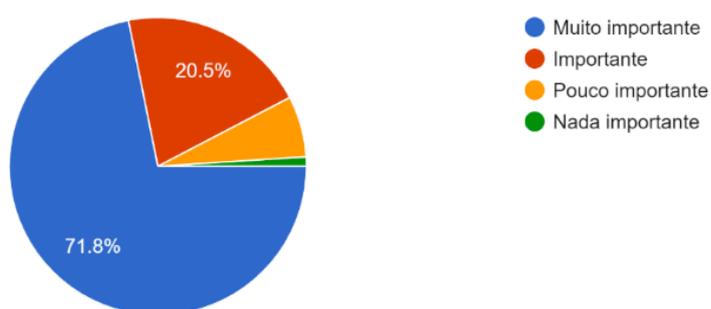
Aqui, voltamos à questão de Petit, de não trancar o leitor numa cabana, mas lançar-lhe passarelas. Realmente é muito fácil ficar preso somente aos gêneros Juvenis. Entretanto, o mesmo acontece com leitores de outros gêneros. Há pessoas que só leem Terror, as que só se interessam por Romances Policiais, e mesmo as que apenas se importam com os grandes clássicos. Acredito que uma mediação responsável, feita pela escola ou pelos responsáveis, ao longo da iniciação de um leitor à literatura é a chave para gerar interesse por textos diversos.

A última pergunta buscava compreender, numa relação mais pessoal, qual teria sido a importância da literatura juvenil para a formação do entrevistado como leitor. Apesar do resultado da pergunta anterior ter sido bastante expressivo, nessa pergunta, ainda que uma grande maioria tenha concordado nas respostas, o resultado foi mais diverso.

Cerca de 71,8% das pessoas entrevistadas afirmaram que a literatura juvenil foi “muito importante” para suas formações como leitores; 20,5% das pessoas disseram que a literatura juvenil foi “importante” para sua formação; 6,6% dos entrevistados disse que a literatura juvenil teve um papel “pouco importante” para que eles se tornassem leitores, e apenas 1% das pessoas enxerga a literatura juvenil como “nada importante” para sua formação.

7- Qual foi o papel da literatura juvenil na SUA formação como leitor?

589 responses



Após a pergunta objetiva, um campo não obrigatório dava espaço para que as pessoas justificassem suas respostas, explicando mais detalhadamente o papel da literatura juvenil em suas vidas e como isso lhes influenciou a tornarem-se leitores. Algumas das pessoas que não tiveram a literatura juvenil como incentivo para se tornarem leitoras responderam contando que outros gêneros tiveram uma importância maior, como a leitora E.K. que relatou: “A minha formação como leitora começou inteiramente com Sidney Sheldon, Agatha Cristie, Harlan Coben e outros autores de romances policiais e suspense”. Já o leitor E.A. contou que: “Sempre peguei livros de temática mais adulta, a nível juvenil que acompanho se entrelaça mais nos quadrinhos do que em livros por assim dizer”. O interessante é que ambas as respostas citam os gêneros mais “comerciais” abordados na pergunta 4. Mais uma vez os gêneros mais comuns da “literatura de entretenimento” aparecem como importantes para formação de leitores.

As pessoas que disseram que a literatura juvenil teve um papel importante ou muito importante em suas vidas apresentaram justificativas como a questão do afeto gerado pelas histórias, que durante a leitura criavam um verdadeiro laço com o leitor e gerava um interesse maior por outras histórias.

A leitora L.A. é um exemplo de alguém que seguiu o caminho de expandir seu repertório de leituras ao longo do tempo, a partir de um interesse pela literatura juvenil. Sua resposta, reproduzida abaixo, ilustra justamente essa transformação da leitora:

“Porque foi ela que me conquistou e me fez gostar de ler, conforme eu fui crescendo, passei a ler YA e amei, por me identificar com os personagens e graças a eles comecei a ler clássicos, por ter sido citado por algum deles, assim atizando minha curiosidade.” (L.A.)

Outras pessoas disseram sentir que eram livros mais acessíveis e divertidos que os que a escola recomendava, sendo os juvenis, dessa forma, mais importantes para torná-las leitoras do que os considerados mais “sérios” ou “adultos”.

A leitora L.M. alegou que os livros juvenis foram importantes para sua formação porque:

“Eles eram mais divertidos do que os livros da escola, que eu achava complicados e sem sentido. Se eu não tivesse lido livros mais acessíveis, provavelmente sentiria o mesmo ressentimento que às vezes sinto pelos clássicos.” (L.M.)

Já a leitora B.P. relatou que:

“Eu só pude perceber que ler era algo bom quando tive contato com obras que conversassem comigo. Livros adultos não interessam crianças ansiosas por aventuras, magia e coisas doidas em geral, e isso era bem mais acessível nos livros juvenis. E foi lendo essas histórias que eu me formei como leitora e como pessoa.” (B.P.)

Ambas as respostas podem dialogar com a fala de Pierre Bourdieu quando o francês diz que “um dos efeitos do contato médio com a literatura erudita é o de destruir a experiência popular”. L.M. relatou que tem ressentimento pelos livros clássicos. Provavelmente o sentimento vem de uma leitura inadequada para sua idade na época e reflete em sua vida. Já os livros mais acessíveis, que conversavam de fato com ela, é que lhe tornaram uma leitora interessada. O mesmo acontece com B.P. que, antes dos livros que a atingissem de fato não entendia a leitura como algo bom.

Muitas pessoas encaravam esse gênero literário como um refúgio para os complexos conflitos de suas adolescências. O leitor M.I. afirmou que a literatura juvenil “Era minha única amiga.”; Já a leitora N.S. relatou que:

“Porque me distraiam, me assemelhava em personagens fortes e mesmo com colegas praticando bullying comigo eu não desisti de estudar, apenas encontrei na biblioteca um lugar de refúgio e li livros direcionados a minha idade onde tinham personagens fortes e cheias de si.”

Como na ideia de Petit, era para a literatura que essas pessoas corriam quando queriam fugir do mundo. E é muito forte essa ideia do afeto gerado por esses livros. Esses jovens criam uma ligação tão intensa com as histórias que leem a ponto de se sentirem verdadeiramente acolhidos nessa ação privada, mas nada solitária, que é a leitura.

Outros entrevistados ressaltaram a questão das reflexões que esse gênero literário provoca em seu público, contribuindo para o crescimento humano, de caráter, valores e abordando temas que muitas vezes não eram discutidos em outros lugares:

“Porque me fez refletir muito sobre o impacto que temos na vida das pessoas ao agir de maneira intolerante ou preconceituosa.”, disse o leitor O.D.; “Porque além de contribuir para ampliar o gosto pela leitura. Me ajudou a esclarecer muitas coisas. Às vezes eu tinha dúvidas sobre alguns assuntos e tinha vergonha de falar com os meus pais, então recorria aos livros.”, relatou também a leitora F.S.

Mais uma vez, a literatura juvenil aparece, tanto na resposta de O.D. como na de F.S., como formadora de um ser humano. Os livros, além de entreter, prestam esse serviço de informação e de suscitar reflexão crítica sobre assuntos que muitas vezes não eram abordados com esses jovens de outras maneiras.

Muitos apontaram esse tipo de literatura como responsável por suas escolhas de carreira. Como a leitora G.A.: “Porque foi com ela que eu me tornei uma escritora, são os tipos de livro que me dão prazer até hoje.”; ou a leitora F.L. “Os livros marcaram toda a minha infância e adolescência. Despertaram em mim não só o gosto pela literatura mas também como o desejo de ser escritora.”; e também a leitora L.S.:

“[]ja muito por ter aprendido cedo e por ter muito incentivo familiar e na escola, pois frequentava muito a biblioteca do colégio que contava com vários títulos. dessa forma, fui conhecendo cada vez mais livros e autores e percebi que amava o universo literário. acredito que conhecer livros juvenis me abriu portas para outras leituras, o que influenciou diretamente na escolha do curso no qual estou prestes a me formar: letras!”

É interessante pensar em como a literatura pode despertar tamanho interesse em um jovem que ele decida segui-la como profissão. Talvez, a crescente presença dos escritores nas redes sociais e plataformas digitais venha a ser um incentivo para jovens que querem ser escritores. O contato mais próximo, facilitado pela internet, ou mesmo a possibilidade de saber como é o ofício de um escritor, a partir de experiências em plataformas de escrita online, podem ser bons orientadores para um jovem que almeja a escrita como profissão.

Muitas das pessoas que responderam à pesquisa ainda são leitoras de literatura juvenil e jovem adulto. Foi interessante perceber como essas pessoas defendem esse gênero da literatura. O acolhimento gerado por essas narrativas gera um sentimento de carinho que perdura nos leitores. A leitora N.S., que está na faixa etária de mais de 30 anos, na resposta reproduzida abaixo, alegou sempre voltar para essa literatura escrita para jovens:

“Não me vejo sem ela, é isso. Quando penso em livros, sempre volto para aqueles que mais gosto, que mais me ajudou e tem ajudado a suportar a vida, a vive-la de outras formas, sem me cobrar e sem exigir tanto...” (N.S.)

A leitora consome os gêneros juvenis de maneira terapêutica e se assemelha à resposta de R.B., reproduzida abaixo:

“Eu comecei a ler literatura juvenil e até hoje são alguns dos meus livros preferidos, quando eu estou a muito tempo sem ler (ressaca literária) eu leio algum livro de literatura juvenil pra voltar ao ritmo” (R.B.);

É interessante pensar também essa literatura juvenil como uma leitura que ajuda a “voltar ao ritmo”. Uma leitura mais despreocupada, que emociona e não exige tanta preocupação com cânones e formas. Uma leitura que serve para desanuviar a cabeça, proporcionar uma boa viagem ao leitor e uma distração e entretenimento necessários.

Considerações Finais

A terminologia Literatura Jovem Adulto nasce no Brasil como ferramenta mercadológica para uma coisa que, em teoria, já existia: a literatura para adolescentes, o grande guarda-chuva da literatura infanto-juvenil. Entretanto, a adolescência é uma fase extremamente complexa da vida humana.

É o momento em que a criança que você foi já não faz mais parte da sua vida e adulto que você se tornará ainda está em formação. Uma fase em que todo dilema é potencializado. Há crises e dificuldades de aceitação, há hormônios e o aprendizado sobre relações interpessoais. O adolescente se transforma todos os dias e as questões com que ele precisa lidar mudam drasticamente a cada ano. Não é uma fase homogênea em nenhum sentido.

É aí que está a maior problemática da nomenclatura infanto-juvenil, quando usada para englobar todo um universo a que pertencem faixas etárias diferentes, de 10 a 18 anos, e, conseqüentemente, momentos de vida extremamente diferentes. Por mais que as distâncias de idades entre uma menina de 12 anos, uma de 15 e outra de 18 não pareçam tão grandes, nessa fase da vida, cada uma delas pertence a um público completamente diferente da outra. As transformações, físicas, psíquicas e sociais, são muito rápidas, fazendo com que as realidades de cada faixa etária sejam muito particulares. Isso sem tocar em contextos sociais.

Dessa forma, não me parece apropriado que as literaturas voltadas para esses públicos sejam todas englobadas em um único nicho. O mesmo acontece quando usamos a nomenclatura Literatura Juvenil como uma coisa só, que abarcaria o público dos 13 aos 19, e por vezes se estendendo até os 23, 24. A problemática é a mesma. Daí vem a necessidade de subdividir a Literatura para jovens. Prefiro usar a nomenclatura Literatura Jovem como o guarda-chuva maior, que abarcaria a Juvenil, dos 10 aos 13, a Jovem Adulto (ou *Young Adult*), dos 14 aos 18, e o New Adult, termo que ainda não vi traduzido no mercado, mas que abarcaria um público de 18 a 24 anos.

A partir dessa pesquisa, é inegável afirmar que a Literatura Jovem, com todos os seus subgêneros e nichos de mercado, pode ter um papel de grande potência na

formação de leitores. Talvez o ponto mais citado pelos leitores entrevistados tenha sido o afeto. A conexão criada entre livro e leitor a partir de histórias que conversem verdadeiramente com seu público foi a maior responsável por despertar nesses leitores um interesse pela Literatura como um todo.

A literatura que afeta a vida de seu leitor é a maior formadora de leitores completos. Acredito que quando um jovem lê um livro e se sente acolhido, se enxerga num personagem, numa situação, a literatura cumpre seu papel. A partir dali, aquele interesse o fará buscar mais livros que lhe causem a mesma sensação e, então, o caminho de crescimento como leitor é natural.

A Literatura não é uma só. Não pode ser. Não há como definir que apenas um tipo de texto é uma literatura respeitável, importante ou mesmo digna de ser lida. Talvez o mais interessante seja transitar entre todo tipo de literaturas. O leitor que se permite interessar por todo tipo de literatura, se embrenhando nos mais distintos desafios, adquire uma visão mais completa, não só literária, mas do mundo ao seu redor.

E a formação de leitores tem a ver com essa questão. O universo digital hoje transformou a literatura, os modos de escrever e o mercado literário em um ambiente muito mais democrático, tanto para quem escreve como para quem lê. Os leitores hoje se formam lendo o que quiserem na *internet*, conversando com seus escritores preferidos, seguindo indicações de seus blogueiros favoritos, fazendo amigos num universo de leitores que se interessam pelo mesmo gênero que você.

A *internet*, cada vez mais, se torna aliada importantíssima para a literatura. Vários dos entrevistados citaram as *fanfics* como pontapé inicial para seu interesse pela leitura, um gênero literário, que se expandiu no país na última década e que se dá fundamentalmente *online*. E a internet não se faz presente apenas no momento inicial da vida de um leitor jovem, mas, hoje, também tem papel importantíssimo na manutenção desse jovem e futuro adulto leitor.

Os livros têm chegado cada vez mais aos seus leitores pela internet. As livrarias *online*, com seus algoritmos que conhecem os gostos daquele consumidor, indicam livros novos para seus clientes. Os blogueiros e *booktubers* indicam livros para seus seguidores. As editoras investem cada vez mais em marketing digital. Os

autores que surgem na *internet* cada vez mais chegam às editoras e livrarias formais. É a internet que tem determinado grande parte do modelo de negócio atual.

É claro que há questões de mercado, numa realidade capitalista em que o livro é, muitas vezes, mais produto a ser consumido do que obra de arte. Será que somos nós mesmos a fazer as escolhas do tipo de literatura que lemos, ou que estudamos? E por que ainda diferenciamos a literatura que é digna de ser estudada e a que não é? Quem tem a autoridade para definir a relevância de cada tipo de obra? O leitor? Ou seria esse apenas a última pecinha de uma engrenagem muito maior?

Pois acredito que toda literatura, comercial ou canônica, é digna de ser esmiuçada e investigada. Toda literatura é válida, para todo tipo de leitor.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massa*. In: LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da cultura de massa*. 8º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011, p. 179-238.

_____, Theodor W. *A indústria cultural*. In: COHN, Gabriel. *Comunicação e Indústria Cultural*. São Paulo: Ed. USP, 1971, p. 287-295

AMICO, Raquel. *Literatura jovem é um dos destaques da Bienal de São Paulo*. In: Estante Blog. 06/08/2018. Disponível em: <https://blog.estantevirtual.com.br/2018/08/06/literatura-jovem-na-bienal-de-sao-paulo/> Acesso em: 22 set. 2019.

BECK, Matheus. *Escritora gaúcha diz que teve participação em Feira do Livro de Nova Hartz cancelada por 'linguajar inadequado'*. In: G1 Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2019/11/13/feira-do-livro-de-nova-hartz-cancela-convite-a-escritora-gaucha-e-editora-critica-censura.ghtml>> Acesso: 27 nov. 2019.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. *A leitura: uma prática cultural*. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. 5ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: *Vários Escritos*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.

CART, Michael. *How "Young Adult " Fiction Blossomed With Teenage Culture in America*. In: Smithsonian. Publicado em: 7 maio 2018. Disponível em: <<https://www.smithsonianmag.com/arts-culture/how-young-adult-fiction-blossomed-with-teenage-culture-in-america-180968967/>> Acesso em: 1 dez. 2019.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun/ Roger Chartier*. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São -Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 1998.

DELLAIRA, Ava. *Cartas de Amor aos Mortos*. Tradução de Alyne Azuma. 1ª ed. São Paulo: Seguinte, 2014.

ESTEBAN, Silvia García. *A literatura juvenil: uma etiqueta forçada*. In: Revista Emília. Disponível em: <https://revistaemilia.com.br/a-literatura-juvenil-uma-etiqueta-forcada/> Acesso em: 1 dez. 2019.

FACEBOOK. *Leitores e autores*. In: Grupos. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/1100344096652101/>> Acesso: 01 dez. 2019.

FACEBOOK. Sociedade secreta dos escritores vivos. In: Grupos. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/sociedadesecretadosescritoresvivos/>> Acesso em: 1 dez. 2019

FACEBOOK. Wattpad Brasil. In: Grupos. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/wattpadbr/>> Acesso em: 27 nov. 2019

FERRARA, Jéssica. *A crise no mercado editorial não é culpa do “brasileiro que não lê”*. Disponível em: <<https://medium.com/@jehferrara/a-culpa-da-crise-do-mercado-editorial-n%C3%A3o-%C3%A9-do-brasileiro-que-n%C3%A3o-l%C3%AA-9d41023d7e9c>> Acesso em: 19 out.2019.

GEISLER, Luisa. Enfim, Palavrões. In: O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/banida-de-feira-literaria-no-rs-autora-lamenta-censura-por-linguajar-inadequado-24079033>> Acesso em: 27 nov. 2019

INDEPENDENT. *Ya fiction: a booming Market*. In: Entertainment books. Disponível em: <<https://www.independent.ie/entertainment/books/ya-fiction-a-booming-market-35560265.html>> Acesso em: 2 jun. 2019

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores 2015*. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO- IPL. *Retratos da Leitura no Brasil*. São Paulo, 2016. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf> Acesso em: 22 set. 2019

LUFT, Gabriela. *A literatura juvenil brasileira no início do século XXI*. In: Adriana Falcão, Flávio Carneiro, Rodrigo Iaccerda e a literatura juvenil brasileira no início do século XXI. Dissertação mestrado – UFRGS. Porto Alegre: 2010.

MARQUES NETO, José Castilho. *Retratos da Leitura no Brasil 2015: crescemos? Estamos lendo mais?*. In: Publishnews. Disponível em: <<https://www.publishnews.com.br/materias/2016/06/07/retratos-da-leitura-no-brasil-2015-crescemos-estamos-lendo-mais>> Acesso em: 19 out. 2019.

MEYER, Stephanie. *Eclipse*. Tradução de Ryta Vinagre. 2ª ed. Rio de Janeiro, Intrínseca, 2009.

_____, Stephanie. *Lua Nova*. Tradução de Ryta Vinagre. 2ª ed. Rio de Janeiro, Intrínseca, 2008.

NORONHA, Heloísa. *Fenômeno impulsionou o gênero ‘jovem adulto’ nas livrarias*. In: Veja. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/especiais/fenomeno-impulsionou-o-genero-jovem-adulto-nas-livrarias/>> Acesso em: 5 jun. 2019.

O SUL. *Público jovem fica nove horas por dia ligado à internet pelo celular*. Disponível em: <<http://www.osul.com.br/publico-jovem-fica-nove-horas-por-dia-ligado-a-internet-pelo-celular/>> Acesso em: 19 set. 2019.

PETERSON, Valerie. *Young Adult and New Adult Book Markets*. In: Book Publishing Info. The Balance Careers. Publicado em: 16/12/2018. Disponível em: <<https://www.thebalancecareers.com/the-young-adult-book-market-2799954>> Acesso em: 1 jun. 2019.

PETIT, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. Tradução de Celina Olga de Souza. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2013. p. 21-63.

ROUYER, Anne. *How did Ya become YA?*In: New York Public Library. Publicado em: 20 abr. 2015. Disponível em:<<https://www.nypl.org/blog/2015/04/20/how-did-ya-become-ya>> Acesso em: 1 dez. 2019.

STRICKLAND, Ashley. *A brief history of Young Adult literature*. CNN, 15/04/2015. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2013/10/15/living/young-adult-fiction-evolution/index.htm>> Acesso em 1 jun. 2019.

TORRES,Bolívar. *Público jovem cresce e Bienal do livro bate record*. In: O Globo. 10/09/2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/publico-jovem-cresce-bienal-do-livro-bate-recorde-21806537>> Acesso em 22 set. 2019.

TORRES,Bolívar. *Público jovem cresce e Bienal do livro bate record*. In: O Globo. 10/09/2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/publico-jovem-cresce-bienal-do-livro-bate-recorde-21806537> Acesso em 22 set. 2019.

TURCHI, M. Z. *Narrativas juvenis: a inovação literária em busca do leitor*. Fronteiras (São Paulo) , v. 17, p. 81-92, 2016.

Anexo

01/12/2019

É PRO MEU TCC

Retirar marca d'água aqui

É PRO MEU TCC

Você gosta de ler? Me chamo Bruna Paiva, sou escritora e estudante de Letras na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Estou prestes a me formar e o tema do meu TCC é "A literatura Young Adult e a formação do leitor". Para concluir minha pesquisa, preciso da ajuda de leitores! Se você puder responder ao questionário e divulgar para outro amigo leitor, vai ajudar uma universitária e um campo de pesquisa ainda pouco aprofundado no Brasil! Obrigada <3

* Required

1. Email address *

2. Qual sua idade? *

Mark only one oval.

- Entre 13 e 18 anos
- Entre 18 e 25 anos
- Entre 25 e 30 anos
- Mais de 30 anos
- Menos de 13 anos

3. 1- Com quantos anos você se iniciou no mundo da leitura? *

Mark only one oval.

- 5 a 8
- 9 a 12
- 13 a 16
- Mais de 16 anos

4. 2- De que forma você se iniciou no mundo da leitura? *

Mark only one oval.

- Por influência da família
- Por influência da escola
- Por iniciativa própria
- Por influência de amigos
- Other: _____

5. 3- Numa escala de 0 a 5, sendo 0 nenhuma e 5 muito grande, com que frequência livros do gênero Young Adult (Jovem Adulto) estão presentes em suas leituras? *

Mark only one oval.

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>					

6. 4- Quais os gêneros que mais te influenciaram a se tornar um leitor? Você pode marcar mais de uma opção. *

Reservar marca d'água aqui

Check all that apply.

- Literatura Juvenil
- Terror
- Fantasia
- Quadrinhos
- Other: _____

7. Cite um livro importante para sua formação como leitor.

8. 5- Para você, qual o grau de diferença entre Literatura Juvenil e Literatura YA (Young Adult ou Jovem Adulto)? *

Mark only one oval.

- Muito diferente
- Diferente
- Pouco diferente
- Existe diferença?

9. Explique as diferenças que você percebe.

10. 6- Na sua opinião, quanto a literatura juvenil pode contribuir na formação de leitores? *

Mark only one oval.

- Contribui muito
- Contribui razoavelmente
- Contribui pouco
- Não contribui

11. Por que?

12. 7- Qual foi o papel da literatura juvenil na SUA formação como leitor? *

Mark only one oval.

- Muito importante
- Importante
- Pouco importante
- Nada importante

13. Por que?

ANEXO II

Respostas interessantes ao questionário, que não entraram na análise do trabalho:

5- Para você, qual o grau de diferença entre Literatura Juvenil e Literatura YA (*Young Adult* ou Jovem Adulto)? Explique as diferenças que você percebe.

“Acho que os temas abordados, geralmente na literatura YA são temas de cunho social.” (I.P.)

“A literatura YA trata de temas mais pesados, em geral, tem mais referências e é pensada pra quem já lê.” (A.B.)

“No YA eu sinto que os relacionamentos amorosos são centrais, enquanto no juvenil não.” (L.K.)

“Literatura juvenil contempla leitores que estão na puberdade até começo da adolescência e já literatura ya contempla leitores do final da adolescência até começo da vida adulta” (G.S.)

“Vejo a literatura *Young Adult* mais como algo que retrata o cotidiano, como os livros do John Green, enquanto literatura juvenil retrata algo mais fantástico, como em Percy Jackson e Harry Potter” (R.M.)

“As histórias são bastante parecidas. Em questão de classificação brasileira, não vejo distinção entre juvenil e YA, acho que apenas entre infanto-juvenil e YA, já que um caráter quase sempre presente da YA é a pretensão em atingir um nível de maturidade da idade adulta. A maior diferença que vejo, por exemplo, é que questões de relacionamento são mais tratadas em YA do que em livros infanto-juvenis, com adição de complexidades da vida pós-puberdade.” (L.R.)

“Literatura juvenil engloba assuntos mais leves, mais “infantil” (temas para pré-adolescentes, digamos), enquanto o YA pode também tratar de assuntos bem mais sérios como doenças mentais, abuso, etc” (B.V.)

“Acho que a literatura YA pode apresentar assuntos mais pesados e cenas explícitas de violência e sexo, ao contrário da Literatura Juvenil, que até pode apresentar os mesmos assuntos de um YA mas de uma forma mais leve e sutil.” (T.M.)

“Nos temas abordados. Na literatura juvenil vejo muito sobre os assuntos de adolescentes, como paqueras, entrada no ensino médio, aqueles primeiros conflitos com os pais etc. Já na YA acho os temas mais densos, como relacionamentos abusivos, a passagem para a maior idade e toda a carga de conflito que isso trás, relacionamento sexual etc.” (F.V.)

“As temáticas são mais voltadas a formação para a fase adulta - responsabilidades, desafios, futuro, profissão, relacionamentos, perspectiva de mudanças, formação de identidade. A juvenil é mais chegada na aventura, nas amizades, família, formação social, brincadeiras.” (M.K.)

“Pra mim no YA existe um aprofundamento no relacionamento do casal, principalmente no que diz respeito ao sexo. No juvenil pode até ter o romance, mas vai se ater bem mais nos sentimentos e conflitos do casal.” (M.A.)

“Com base nos meus estudos em Letras, basicamente YA e Juvenil são só nomes diferentes em línguas e empresas comerciais (livrarias) diferentes. Livros YA seriam de fato livros juvenis, só existindo uma diferença entre eles (juvenil/YA) e o infanto-juvenil (que possui características mais comuns a textos infantis mescladas) e entre eles o New Adult, que já visa um público mais velho.” (J.C.)

6- Na sua opinião, quanto a literatura juvenil pode contribuir na formação de leitores? Por que?

“Porque é o momento que o jovem vê que ele pode ser o protagonista daquela história, e que livros são divertidos e nos fazem sonhar.” (A.N.)

“São os livros que geralmente criam memórias afetivas e também fazem com que as pessoas peguem apreço pela leitura.” (I.P.)

“Esse tipo de literatura promove identificação com leitores jovens, os introduz ao mundo da leitura de forma mais natural e desde cedo” (N.M.)

“Acho que a primeira coisa que faz alguém se interessar por um livro e pela identificação. Se lemos um livro e nos vemos como os personagens dele, a chance de gostarmos e quisermos ler mais é bem maior. E quando somos incentivados a ler e temos contato com a leitura desde cedo, acho que a relação com os livros e a leitura pode se tornar mais forte. Quando a leitura é incentivada desde a infância e com livros adequados, então acredito que a criança pode se tornar uma pessoa apaixonada por livros desde cedo.” (L.D.)

“Ler te faz ir além da tua bolha, e isso é muito importante pra conviver em sociedade, fora os outros vários benefícios pessoais que já foram comprovados que a leitura ajuda, como o aprimoramento da memória e vocabulário.” (S.D.)

“Porque geralmente é a porta de entrada para o mundo literário. Talvez pela linguagem mais acessível (que também está presente nos YA) ou pela abordagem de temas mais atuais, é mais provável atrair a atenção do público juvenil.” (M.M.)

“Uma leitura direcionada para essa faixa etária impede que a criança cresça com ideia de que a leitura não pode ser entretenimento” (S.S)

“Quando leio literatura juvenil penso que são obras que eu teria aproveitado muito mais se tivesse conhecido na época certa. Meus pais não tiveram muito acesso a leitura durante a vida, mas sempre me incentivaram como leitora. Porém, como eles não conheciam os gêneros literários ou o tipo de literatura adequada para minha idade eu acaba ganhando livros que nem sempre eram a melhor indicação para o momento.” (N.D.)

“Porque muitos livros YA tratam problemáticas que os adolescentes estão começando a passar, como: bullying, problemas familiares, decepções amorosas, algumas vezes transtornos psicológicos. E ver um personagem passar por algo semelhante ao que você sente ou passa pode criar uma identificação e proporcionar mais força para aguentar e superar aquilo. Ou também, às vezes não tem nenhuma identificação, mas pode servir de exemplo pra construção de valores.” (E.C.)

“Creio que contribui na questão de envolver um recém chegado no mundo da literatura devido ao fato dos livros serem, nessa faixa específica, mais fáceis de se interpretar. Acredito que seja um bom passo na direção de tornar a leitura, um espaço importante na vida de cada um.” (L.S.)

“Acredito que toda literatura é válida a partir do momento que a mesma lhe faz bem e contribui para que você conheça as diversidades presentes no mundo. Dessa forma acredito que a literatura juvenil faz isso de uma forma não maçante, o que contribui grandemente para que o leitor continue lendo esta e/ou adentre no universo de demais tipos de literatura.” (S.L.)

“acho que todo livro contribui de alguma forma, desde ampliar o repertório linguístico (ao menos que seja mau escrito rsrs), desenvolver concentração, compreensão, senso crítico (acho que esse último depende do livro), propiciar boas reflexões / troca de ideias ou pelo menos lazer, abrindo portas para outras experiências de leitura” (M.F.)

“Porque é a porta de entrada nesse universo literário. Se você der um Machado de Assis ou Guimarães Rosa para um adolescente ler sendo que ele não possui o hábito da leitura, ele provavelmente irá abandonar o livro. Ao apresentar uma literatura mais próxima de sua realidade, com personagens que ele se identifica, que têm idade próxima à do leitor, certeza que ele ficará instigado para terminar a leitura e, assim, tomar gosto pela coisa e ser um consumidor voraz de livros.” (S.A.)

“Porque formar um leitor equivale a construir o intelecto de alguém, e no caso, com a literatura juvenil, tornará um jovem em crítico e pensador, o que não só é crucial durante essa faixa etária preparatória para o ensino superior como também é essencial para a sociedade, o que perdurará para o resto de sua vivência.” (L.M.)

“Não adianta muito jogar um machado de assis ou José de Alencar pra um adolescente ler. é muito longe da nossa realidade e nessa idade estamos procurando modelos pra formar nossa identidade, então ler sobre personagens jovens passando por situações parecidas, mesmo que em um mundo diferente, contribui muito para compreendermos a nós mesmos. Depois de criar um costume de leitura fica mais fácil pegar os clássicos também - não que a lit juvenil seja apenas um meio pra chegar a um nível de conseguir acessar o cânone, mas pode ajudar se você quiser chegar lá.” (V.M.)

“Levando em consideração que as crianças e adolescentes procuram ler coisas que vão ressoar com eles naquele momento em específico de suas vidas, acho que a literatura juvenil funciona muito bem como ponta pé inicial para potenciais leitores e

ver adultos quererem estigmatizar isso e querer obrigar jovens a gostarem de clássicos da literatura brasileira, o que além de ser difícil para a compreensão de jovens, acaba fazendo com que eles desanimem a lerem outras coisas.” (S.T.)

7- Qual foi o papel da literatura juvenil na SUA formação como leitor? Por que?

“Porque foi a partir desse contato que consegui sentir que o mundo da leitura é vasto e cheio possibilidades.” (M.B.)

“Me apaixonei pela leitura por causa desse tipo de literatura.” (N.F.)

“A partir dela retornei e aprofundei o meu gosto pela leitura. Foi por causa dela que conheci outros livros e tive vontade de lê -los (livros infantis, clássicos e biografias).” (J.R.)

“Porque a literatura foi uma aliada na construção do meu senso crítico, então comecei a buscar outras leituras que fossem nesse caminho voltada para jovens e me apaixonei.” (L.F.)

“Foi o que me (re)aproximou do mundo da leitura e me fez conhecer o prazer de ler.” (D.M.)

“Era a leitura a que eu tinha mais fácil acesso, tanto literal quanto metafórico. Era tangível pra mim, não só pegar na biblioteca da escola ou emprestado de amigos, mas me ver na história, pessoas de idades relativamente próximas a mim fazendo e vivendo coisas reais, próximas ou não” (F.P.)

“Porque me fez refletir muito sobre o impacto que temos na vida das pessoas ao agir de maneira intolerante ou preconceituosa.” (O.D.)

“A leitura foi um grande precursor da minha escrita e da formação de diversas das minhas convicções.” (N.J.)

“Sempre gostei de ler, porém os livros que li em minha adolescência me ajudaram em momentos que me senti sozinha, além de terem aberto a minha mente em várias maneiras diferentes. Os personagens de literatura juvenil, por estarem numa faixa etária de 15-18 anos, foram os meus amigos quando eu não tinha com quem conversar e me fizeram sentir melhor comigo mesma. Eu sou grata a todos os autores de YA por terem escrito livros que falam com nós leitores, principalmente

aqueles que falam sobre minorias ou outros temas que geralmente são ignorados ou considerados "tabus". (S.M.)

“Foi minha porta de entrada para o mundo da leitura. Eu sou escritora desde os 11 anos e escrevo esse tipo de literatura também. Tenho certeza de que uma coisa proporcionou a outra. Eu não seria a escritora que sou, muito menos a leitora que sou, se não fosse a literatura juvenil.” (C.D.)

“Eu sempre gostei de ler, me imaginar vivendo aquelas histórias e tive a sorte de ter contato com livros onde pude crescer com os personagens e acompanhar de forma gradativa. A Literatura Juvenil trouxe diversos livros tão enriquecedoras para minha formação, fazia eu me sentir parte de uma aventura e presa q continuar a ler pq com isso eu estava dentro daquele mundo.” (E.D.)

“Eu sou leitura assídua desde os dois anos de idade, quando li meu primeiro gibi da Mônica. A literatura juvenil me proporcionou um refúgio quando precisei e me ensinou sobre o mundo de maneira acessível e nada condescendente. Cuido com carinho até hoje dos livros que ganhei de meus professores e familiares na minha infância.” (J.B.)

“Aprendi muito sobre o mundo real através das metáforas dos mundos literários, também me descobri de diversas maneiras, além de aprender lições sobre a vida e outras pessoas. Os livros se tornaram um refúgio onde tenho amizades "verdadeiras" que posso re-conhecer diversas vezes.” (M.L.)

“Cada vez que eu me identificava com um personagem, eu podia analisar as ações dele quanto a uma situação e comparar com as minhas. Aprender com a história, refletir sobre. E muitos livros sobre aventura, sobre romance, com personagens similares a mim me ajudaram a perceber minhas áreas de interesse e com certeza me ajudaram a escolher uma profissão.” (E.L)

“Os anseios e experiências de mundo do jovem são diferentes, ter conteúdo produzido a esse tipo de público é vital não somente para indústria, que precisa de novos leitores, mas também para o progresso da humanidade como um todo. Todos os tipos de registros são válidos.” (S.C.)

“A literatura juvenil me ajudou muito a desenvolver mais habilidade de escrita e ainda, me proporcionou um excelente hobby para fase adulta.” (B.C.)

“Teve auxílio na questão de aprimorar minha capacidade de raciocínio e desenvolver um posicionamento crítico em relação ao universo que estava inserido. Além disso, fez com que surgisse em mim a vontade de conhecer outros livros e autores (ainda que em alguns casos pudessem ser mais difíceis de compreensão, como por exemplo clássicos da literatura).” (L.K.)

“Porque só li Harry Potter e poucos outros de juvenil, depois parti para os mais maduros.” (A.C.)

“Acredito que a minha adolescência, até meus 18 anos, foi a época que eu mais li. A maioria (talvez a esmagadora) das minhas leituras eram juvenis e era muito gostoso, eu acho, a forma como a escrita no geral me fisgava (muito provavelmente porque eu era o público alvo) e ver pessoas próximas da minha idade sendo protagonistas, pessoas que podiam ser minhas amigas, sabe? Guardo boas memórias desse período.” (C.B.)

“Porque eu cresci aprendendo o valor de amizade, companheirismo, lealdade, resolução de conflitos internos e externos e porque contribuiu pra que eu aprimorasse o vocabulário” (N.C.)

“Por sorte consegui balancear entre clássicos de vocabulário difícil e livros de uma linguagem mais simples e temática empolgante” (R.S.)

“Eu li os clássicos primeiro, e depois para me enturmar resolvi ler os juvenis” (S.F.)